



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DARQ – DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CURSO DE ARQUEOLOGIA**

**CURADORIA EM VIDRO ARQUEOLÓGICO: CONHECENDO AS
GARRAFAS DE BEBIDAS DA COLEÇÃO “VILA DE SANTO
ANTÔNIO – C.V.S.A”, PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: MONOGRAFIA

ERICO NERY DOS SANTOS

**Porto Velho
2023**



ERICO NERY DOS SANTOS

CURADORIA EM VIDRO ARQUEOLÓGICO: CONHECENDO AS
GARRAFAS DE BEBIDAS DA COLEÇÃO “VILA DE SANTO
ANTÔNIO – C.V.S.A”, PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL.

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Rossato Santi.

PORTO VELHO
2023

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

S237c Santos, Erico Nery dos.

Curadoria em vidro arqueológico: conhecendo as garrafas de bebidas da Coleção "Vila de Santo Antônio - C.V.S.A", Porto Velho, Rondônia, Brasil / Erico Nery dos Santos. - Porto Velho, 2023.

98 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Rossato Santi.

Monografia (Graduação). Departamento de Arqueologia. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Arqueologia histórica. 2. Garrafas de bebidas. 3. Vidro arqueológico. I. Santi, Juliana Rossato. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 903



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUEOLOGIA - PORTO VELHO

ÉRICO NERY DOS SANTOS

DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ÉRICO NERY DOS SANTOS

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Aprovada no dia 28 de abril de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Docentes:

Juliana Rossato Santi
(Orientadora)

Laura Nisinga Cabral
Membro da Banca 1

Eclésia Gonçalves Nascimento
Membro da Banca 2

Porto Velho, 28 de abril de 2023



Documento assinado eletronicamente por **JULIANA ROSSATO SANTI, Docente**, em 28/04/2023, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LAURA NISINGA CABRAL, Docente**, em 28/04/2023, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eclésia Gonçalves do Nascimento, Usuário Externo**, em 30/04/2023, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1327540** e o código CRC **FF8259EC**.



Dedico o meu TCC aos meus Pais: Ana Maria e Benjamim dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos meus familiares em especial minha filha Isadora Nery e minhas irmãs Sandra Maria, Silva Nery e Maria Auxiliadora.

Aos meus amigos da turma do curso de arqueologia 2010, em especial ao Nilson que faleceu em decorrência da Pandemia e a Arqueóloga e Orientadora colaboradora Eclésia que me ajudou e muito no caminho do trabalho.

Agradeço também as acadêmicas Fernanda e Norma que colaboram para a numeração das garrafas arqueológicas da curadoria (C.V.S.A).

Quero também agradecer todos os professores do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Estado de Rondônia inclusive o Prof. e Dr. André que faleceu no decorrer do curso. À minha orientadora que com muita empatia comigo e com os demais alunos nos faz refletir sobre um olhar mais igualitário sobre todos e o meu muito obrigado.

Tudo parece impossível até que seja feito. (Nelson Mandela)

RESUMO

SANTOS, Erico Nery dos. **Curadoria em vidro arqueológico: conhecendo as garrafas de bebidas da Coleção “Vila de Santo Antônio – C.V.S.A”, Porto Velho, Rondônia, Brasil.** 2023. 98 f. Monografia (Graduação) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023.

O trabalho teve a finalidade de realizar a curadoria e análises das garrafas arqueológicas de bebidas da Coleção Vila de Santo Antônio, onde foi percebida uma grande diversidade de garrafas com fabricação oriundas de vários países. A análise tipológica realizada durante a etapa 1 de numeração das garrafas, permitiu a confecção de um roteiro fotográfico com 102 tipos classificados na amostra da coleção analisada, composta por 1031 garrafas, porém na análise mais aprofundada foram excluídas 3 garrafas, finalizando o trabalho com 1028 garrafas de bebidas das categorias: Vinho e champagne; cerveja; refrigerante e água tônica; destilados e não identificadas. A análise qualitativa da coleção escolhida foi realizada em outras duas etapas, após a classificação tipológica: a etapa 2 foi a realização da percepção dos tipos de garrafas partindo de atributos conforme as informações do site: <https://sha.org/bottle/index.htm>. E a etapa 3 onde selecionamos as garrafas com rótulos ou impressões que pudessem nos dar informações sobre as mesmas, buscando caracterizar e contextualizar a cultura material coletada através de marcas impressas nos vidros, realizando a comparação com anúncios de revistas, bibliografias especializadas, *sites*. Puderam ser identificadas três marcas de água tônica na coleção; duas marcas de refrigerante; cinco marcas de vinhos e duas marcas de destilados. Em relação aos países de origem, podemos perceber marcas Irlandesas, Suíça, Portuguesas, Italianas, Francesas e Brasileiras em uma datação de fabricação desses produtos desde 1783 até atualidade. Contribuímos assim para o conhecimento dessa parte da coleção que ainda não havia sido analisada, e também para demonstrar as possibilidades de interpretação de uma coleção arqueológica que não passou pelo processo de escavação.

Palavras chave: Arqueologia Histórica; garrafas de bebidas; vidro arqueológico.

ABSTRACT

SANTOS, Erico Nery dos. **Curation in archaeological glass: getting to know the beverage bottles from the “Vila de Santo Antônio – C.V.S.A” Collection, Porto Velho, Rondônia, Brazil.** 2023. 98 f. Monograph (Graduation) – Department of Archeology, Federal University of Rondônia, Porto Velho, 2023.

The purpose of the work was to curate and analyze the archaeological bottles of beverages from the Vila de Santo Antônio Collection, where a great diversity of bottles manufactured from various countries was perceived. The typological analysis carried out during stage 1 of numbering the bottles allowed the making of a photographic script with 102 types classified in the analyzed collection sample, consisting of 1031 bottles, however in the deeper analysis 3 bottles were excluded, ending the work with 1028 beverage bottles from categories: Wine and champagne; beer; soda and tonic water; distilled and unidentified. The qualitative analysis of the chosen collection was carried out in two other stages, after the typological classification: stage 2 was the realization of the perception of the types of bottles based on attributes according to the information on the website: [https://sha.org/bottle/index .htm](https://sha.org/bottle/index.htm). And step 3 where we selected the bottles with labels or impressions that could give us information about them, seeking to characterize and contextualize the material culture collected through marks printed on the glasses, making the comparison with magazine advertisements, specialized bibliographies, websites. Three brands of tonic water could be identified in the collection; two brands of soda; five wine brands and two spirits brands. Regarding the countries of origin, we can see Irish, Swiss, Portuguese, Italian, French and Brazilian brands in a dating of manufacture of these products from 1783 to the present day. We thus contributed to the knowledge of that part of the collection that had not yet been analyzed, and also to demonstrate the possibilities of interpretation of an archaeological collection that did not go through the excavation process.

Keywords: Historical Archeology; beverage bottles; archaeological glass.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Pontos de coletas do acervo da C.V.S.A. a partir da visualização do Google Earth Fonte: Nascimento e Santi (2020).	26
Figura 2 - Exemplo de Garrafa de destilados: Tipo BBB.	32
Figura 3 - Exemplo de Garrafa de vinho ou champagne: Tipo AA.....	32
Figura 4 - Exemplo de Garrafa de cervejas: Tipo CC.	33
Figura 5 - Exemplo de Garrafa de refrigerantes ou água: Tipo J.	33
Figura 6 - Exemplo de Garrafa de fármaco: Sedativo para cólicas Fluxosedatina do PHCo. Chimico S. P. de Araújo, classificado como “incômodo da mulher”. Fonte: Brasil, 2021.....	34
Figura 7 - Exemplo de Garrafa de alimento: LEITE DE COCO NATURAL SERIGY”. Fonte: Brasil, 2021.	34
Figura 8 - Exemplo de Garrafa de doméstica: tinteiro. Fonte: Brasil, 2021.	35
Figura 9 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia L (classificação feita pelo autor).	64
Figura 10 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia J (classificação feita pelo autor). ...	65
Figura 11 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia CCCC (classificação feita pelo autor).	65
Figura 12 - Água Tônica Belfast (1895) R E. Tipologia U (classificação feita pelo autor). 66	
Figura 13 - Primeira garrafa de SCHEPPES. Fonte: https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/schweppes-crisp-bubbles.html , acessado em 20 de fevereiro de 2023.	67
Figura 14 - Água Tônica SCHWEPES, Tipologia Z (classificação feita pelo autor).	68
Figura 15 - Logomarcas das garrafas de SCHWEPES.	68
Figura 16 - Garrafa de água mineral Belfast WHEELER & Co Ltda, Refrigerante, Tipologia H (classificação feita pelo autor).	69
Figura 17 - Garrafa de Guaraná Antarctica. Refrigerante, Tipologia O (classificação feita pelo autor).	70
Figura 18 - Garrafa de Guaraná Andrade. Refrigerante, Tipologia XXXX (classificação feita pelo autor).	71
Figura 19 - Garrafa de Vinho Porto Romariz & Filho, Tipologia ZZZZ (classificação feita pelo autor).	72
Figura 20 - Garrafa de Vinho Chianti, Tipologia KKKK (classificação feita pelo autor).	72

Figura 21 - Garrafa de vinho do Porto RCVNP, Tipologia AAAA (classificação feita pelo autor).	73
Figura 22 - Garrafa de vinho do Porto RCVNP. https://www.catawiki.com/pt/l/23209861-1890-rcvnp-garrafeira-port-oporto-1-garrafas-0-75-l	74
Figura 23 - Garrafa de Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen, Vinho, Tipologia QQQ (classificação feita pelo autor).	74
Figura 24 - Marcas Cinzano. Fonte: https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/cinzano-vermouth-of-torino.html , acessado em 27 de fevereiro de 2023.....	75
Figura 25 – Vinho vermute, Tipologia TTT (classificação feita pelo autor).	76
Figura 26 - Licor Bénédictine, Destilado, Tipologia LL (classificação feita pelo autor).	77
Figura 27 – Absinto Pernod Fils, Tipologia SSS (classificação feita pelo autor).	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipologias das garrafas de bebidas.....	27
Tabela 2 – Classificações tipológicas das garrafas de bebidas.....	35
Tabela 3 - Análise tipológica e qualitativa das garrafas de bebidas.....	36
Tabela 4 – Quantificação das garrafas de bebidas classificadas neste trabalho.	63
Tabela 5 – Etapa 3 concluída: marcas, origens e datação aproximadas das garrafas de bebidas da coleção V.S.A.	78

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
LISTA DE FIGURA	10
LISTA DE TABELAS	12
SUMÁRIO.....	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	15
HISTÓRIA DA VILA SANTO ANTÔNIO E DA “COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO – C.V.S.A”	15
1.1 HISTÓRIA DA VILA DE SANTO ANTÔNIO.....	15
1.1.1. <i>Condições Sociais na Vila de Santo Antônio</i>	16
1.1.2. <i>Abandono (mudança para Porto Velho) da Vila de Santo Antônio</i>	18
1.2. HISTÓRIA DA “COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO”	19
CAPÍTULO 2	21
O VIDRO NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA	21
2.1 COMO O VIDRO É ESTUDADO NA ARQUEOLOGIA.....	21
2.1.1 <i>O Vidro arqueológico no Brasil</i>	22
2.1.2 <i>O vidro arqueológico na Amazônia</i>	23
CAPÍTULO 3	25
ROTEIRO ILUSTRADO DE CURADORIA E TIPOLOGIA IDENTIFICADA NOS VIDROS DA COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO	25
3.1 CONHECENDO AS GARRAFAS DA COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO (CURADORIA E APRESENTAÇÃO).....	25
3.1.1 <i>Práticas da curadoria das garrafas de vidro arqueológico da Vila de Santo Antônio</i>	25
3.1.2 <i>Técnicas e material utilizado para a numeração</i>	26
3.1.3 <i>A numeração e a sigla</i>	26
3.1.4 <i>Guarda das garrafas após numeração</i>	29
3.5 GARRAFAS DE BEBIDAS: ESCOLHAS, DEFINIÇÕES TIPOLÓGICAS, SEPARAÇÃO POR CATEGORIAS (ETAPAS 1 E 2)	30
3.6.1 ÁGUA TÔNICA/REFRIGERANTE	63
3.6.3 VINHO	71
3.6.5 DESTILADO.....	76
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

Segundo Lima (2002), os estudos relacionados a vidros arqueológico começaram aproximadamente na década de 60 e se resumiam a tecnologia, porém, o vidro histórico arqueológico pode falar sobre o contexto histórico e social bem como sobre os comportamentos sociais, econômicos e até culturais das pessoas da época.

Esse trabalho realizou a curadoria das garrafas da Coleção Vila de Santo Antônio, que foram encontradas e coletadas nas imediações da Vila de Santo Antônio e dos Lixeira Ingleses ao longo de décadas.

Essa coleção foi doada a UNIR, para o departamento história que na época de 2008, era junto com o curso de Arqueologia, Processo N.01410.000074/2008-42 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 16 SR, onde corresponde sobre o recebimento do acervo arqueológico de terceiros referentes a data do dia 28/11/2008.

O objetivo deste trabalho foi de registrar em categorias quantitativas e qualitativas uma parte da coleção Vila de Santo Antônio, realizar o registro fotográfico e definir tipologias e funcionalidades para as garrafas em que foi possível, contextualizando temporal historicamente associando às pessoas que ocuparam e reocuparam esse espaço em um período de colonização.

O trabalho de monografia começou em 2019, com a Pandemia a mundial associada a Covid-19 que assolou o mundo, paramos em 2020, e retomamos somente no final de 2021.

Foram analisadas 1031 garrafas de bebidas de quatro categorias que classificamos em: Garrafas de destilados; Garrafas de vinho ou Champagne; Garrafas de Cervejas e Garradas de Refrigerantes ou água.

Essa Monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado: História da vila de Santo Antônio e da coleção da Vila de Santo Antônio: onde abordaram a história da vila de Santo Antônio, as condições sociais na vila, o abandono logo após a mudança para a cidade de Porto Velho e a história da coleção da vila de Santo Antônio. O segundo capítulo intitulado: O vidro na pesquisa Arqueológica: relatará as referências teóricas referente: o vidro arqueológico no Brasil e o vidro arqueológico na Amazonia. O capítulo três intitulado: roteiro ilustrado de análises de vidros a partir da coleção da Vila S.A: roteiro ilustrado de construção das fichas e conhecimento das garrafas da coleção da V.S.A.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DA VILA SANTO ANTÔNIO E DA “COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO – C.V.S.A”

Neste capítulo apresenta-se o embasamento teórico com diversos autores sobre o tema abordado, com objetivo de fundamentar as normas teóricas que possa colaborar na elaboração da estrutura física reproduzida, avaliações e estudos dos dados pesquisados.

1.1 História da Vila de Santo Antônio

Dado o exposto da pesquisa, a história da Vila de Santo Antônio banhada pelas águas barrentas do Rio Madeira e alicerçada em frente à sua primeira cachoeira, tem sido descrita com evidências muito parecidas, algumas cores e muitas sombras. Após a passagem dos viajantes que se aventuraram naquelas terras a partir do século XVIII, passando por desbravadores como o Marechal Rondon e pelos sanitaristas Osvaldo Cruz e Carlos Chagas, a Vila de Santo Antônio era habitualmente uma área de insalubridade (SILVA, 2007).

Efetivamente da sua fundação pelos missionários até seu exórdio descaso ainda no século XVIII chegando ao século XIX com os projetos para vencer as cachoeiras do rio Madeira, a Vila de Santo Antônio parece só existir enquanto cenário para as desventuras ligadas ao projeto e construção da Estrada de Ferro que se instalaria em suas margens (SILVA, 2007, p.133).

Silva (1991, p.80), um dos tantos a contar desta Vila, chega a dizer que Santo Antônio “legou para Rondônia apenas sua história de muitas atribuições, a igreja do santo que lhe dera o nome, e o cemitério, hoje ampliado para receber os mortos de Porto Velho”.

Em outras palavras, descrever a Vila de Santo Antônio destacando a insalubridade e miséria do lugar, virou regra entre os que se aventuraram na tarefa de narrar à história de Rondônia e dos primeiros dias da ocupação de suas terras. Em trabalhos recentes os autores Silva (2007, p.136) e Costa (2013, p.23) buscaram, auxiliados com dados arqueológicos, questionar a construção recente da narrativa sobre a ocupação destas margens do Madeira.

Silva (2007), diz que:

o primeiro procurou, fazendo uma contundente crítica aos colegas historiadores, mostrar como as “camadas de história daquele lugar”, têm enaltecido uma narrativa da miséria e olvidado os mais antigos habitantes daquela paisagem; seu objetivo foi ater-se à história anterior à chegada dos europeus, com a ressalva de que não intentava um mito de origem, mas enquadrar na longa duração, ao melhor estilo braudeliano, a ocupação daquele espaço. (SILVA, 2007, p.138).

Já Costa (2010), complementa:

...analisando relatos de viajantes do século XVIII nos leva aos povos indígenas que combateram a chegada dos conquistadores. Tendo em vista as fontes discutidas pela historiografia, podemos afirmar que a Vila de Santo Antônio se constituiu no que foi, provavelmente, a maior povoação junto às margens do Madeira na primeira metade do século XIX, até a criação de Porto Velho no início do século XX. (COSTA, 2010, p.36).

De sua fundação enquanto missão jesuítica no fim do século XVIII, quando foi descrita por Leite (1938), até a descrição de Guimarães (1944), Santo Antônio sediou o porto onde desembarcaram pessoas dispostas a construir a EFMM, nessa época era habitada por um enorme contingente de indivíduos e possuía variados edifícios (SILVA, 2001; PEREIRA, 2006).

Contudo, Fonseca (2007) afirma que ainda na primeira metade do século XX já era descrita como uma pequena localidade, outrora próspera, mas hoje em extrema decadência, reduzida a 58 habitantes. A sua antiga atividade entrou em declínio desde a construção da estrada de ferro, com ponto inicial em Porto Velho, sete quilômetros a jusante. “À proporção que o movimento comercial se transferia para esta localidade, que rapidamente progredia Alto Madeira (como se chamava Santo Antônio) declinava até contar atualmente uma vintena de casas” (VITAL, 2012, p.81).

Sobre Santo Antônio tem-se a citação de Rondon, por volta de 1919, que diz que não tem lembrança de jamais ter visto outro povoado de aspecto tão feio e tristonho e segue informando que a população, constituída de aventureiros vindos de todas as partes do mundo, cheia de vícios, alcoólatra, parece ter querido erigir em padrão de glória o desprezo pela higiene e pelo asseio, descrição citada por (GOMES, 2013).

1.1.1. Condições Sociais na Vila de Santo Antônio

Fonseca (2007), afirma que em 1910 já havia um elevado quantitativo populacional na Vila de Santo Antônio, aproximadamente 3.000 habitantes e pontua como fatores de motivação a cidade está na rota dos batelões no transporte da produção de borracha e a rotina dos trabalhadores da ferrovia que tinham na localidade alternativa de lazer.

A Vila de Santo Antônio tinha uma estrutura modesta, casas de adobe, armazéns com coberturas de palhas outros com placas metálicas, material reaproveitados das empresas que não conseguiram construir a ferrovia, cantinas e choças de bambu que compunham a formação arquitetônica da vila, cerca de 200 habitantes, grande parte de indígenas bolivianos, que atuavam no trabalho de carga e descarga das mercadorias para os vapores que levavam para Belém do Pará (FONSECA, 2007, p.112).

Nesse período, a organização do serviço de saúde do comitê estava instável, a equipe médica carecia de autoridade e autonomia diante da força-tarefa e suas prescrições eram aceitas sem restrições apenas em graves crises de saúde. A enorme rotatividade de médicos militares tornou-se também um agravatório nas atividades (VITAL, 2012).

Assim, essa vila era constituída por um posto avançado de tributação das mercadorias transportadas pelo rio Madeira e um porto por onde escoava a produção de borracha da Bolívia e do Acre. Assim, o grande fluxo de indivíduos de diferentes lugares também ocasionou em várias doenças (VITAL, 2012, p.30).

“Os sinais de prevalência da malária no Alto Madeira eram muito elevados, apesar disso, durante este período a situação agravou-se, e a expedição encerrou as suas investigações em janeiro de 1910 e principiando a Santo Antônio do Madeira” (VITAL, 2012, p.42).

Diante disso, as condições de saúde no norte do Mato Grosso e no Alto do Madeira impressionaram o presidente da comissão, que havia contraído malária duas vezes e, portanto, deixou o canteiro de serviço temporariamente por mais de um ano. Tal fato foi crítico para conferir a Joaquim Tanajura o poder de criar serviços médicos que sejam suficientes para cumprir as regras de autonomia dos médicos perante a hierarquia dos militares (VITAL, 2012, p.42).

O estado tornava-se presente por meio das incumbências de tributações, fazendo com que os interesses dos médicos e de suas comissões fossem se afastando gradativamente. Quase um ano depois, Joaquim Tanajura descobriu que a linha telegráfica era insuficiente para atender às necessidades da região (VITAL, 2012, p.46).

A estada do médico foi relevante para o governo do estado de Mato Grosso, que posteriormente a assinatura de um acordo com a Amazonas no dia 14 de setembro de 1910, o governo do estado de Mato Grosso passou a

reconhecer o controle de Santo Antônio do Madeira em julho de 1912, por Joaquim Augusto da Costa Marques, então governador vigente do estado, a intendência de Augusto Tanajura (VITAL, 2012, p.46).

Nesse contexto, a cachoeira de Santo Antônio, emergiu o aldeamento de Santo Antônio do Madeira, a partir do extrativismo. Tornando-se um importante entreposto comercial, conectando comerciantes e extrativistas de látex ao longo dos rios Beni, Madre de Dios, Guaporé e Mamoré aos mercados estrangeiros por meio de Manaus e Belém (VITAL, 2012, p.50).

“Com a instalação da navegação a vapor, uma rota que leva ao vilarejo também com atendimentos há barcos particulares que se apresentavam obrigatoriamente a parar neste local devido à dificuldade de contornar a cachoeira rio acima” (VITAL, 2012, p.50).

A despeito de sua importância econômica significativa e do grande fluxo de migração, há muitos poucos indivíduos instalados na área. Nesse período, outras vilas e cidades surgiram devido ao extrativismo, como exemplo, Lábrea, Humaitá e Itacoatiara (VITAL, 2012).

A principal esfera de negócio é o álcool, em síntese, posteriormente a vista desta sombria aldeia sem crianças, percebe-se que não houve mortes milagrosas que a tornaram famosa e sua ampla reputação de injustiça paralisou os honestos e trabalhadores, acerca da movimentação na povoação e na conquista as margens do rio Madeira que poderia beneficiar a riqueza incomensurável desta terra (CASER; SÁ 2011, p.221).

1.1.2. Abandono (mudança para Porto Velho) da Vila de Santo Antônio

No início do século XX, as histórias sobre a cidade de Santo Antônio e a região do Alto Rio Madeira, continuavam a vincular esse lugar a deserção do poder público, doenças tropicais, diminuição do número de crianças e agressões indígenas. No entanto, na maioria dessas narrações, os conflitos com os índios, principalmente os povos Parintintim, manifestam-se de forma secundária quando comparados as virtudes de detalhes sobre a gerência de trabalho nos seringais, sobretudo as condições sanitárias locais (VITAL, 2012, p.81).

As doenças eram o principal fator que causava perplexidade a quem viajava pelo Alto Madeira. O recomeço da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, que teve como ponto de partida o local denominado Porto Velho, em 1907, impulsionou as comparações entre essa localidade e Santo Antônio do Madeira. A proximidade de Santo Antônio com Porto Velho tornava obrigatória essa comparação, a primeira era e expressão da miséria e do abandono e a segunda parecia destinada a um futuro promissor (BLACKMAN, 2015, p.214).

A descrição de Marechal Rondon pode ser encontrada em muitos textos como de Lorenzon (2002) e Silva (2001), eles citam que virou uma ode à desgraça do local; não há quem lhe consiga fazer outro tipo de descrição ou contar do dia a dia de sua população sem mencionar o degrado e a insalubridade. As linhas de história escrita sobre a vila de Santo Antônio parecem querê-la como um lócus de antagonismo à civilidade que se construía na nascente Porto Velho.

Enquanto aquela é figurada como insalubre, Porto Velho, para onde foi deslocada a estação inicial da EFMM, vem figurada como próspera e, nas palavras de Morais (2000), cinematográfica. O discurso que difama Santo Antônio, segundo Silva (2007) perpetuou-se na historiografia local; Santo Antônio era figurada como o inferno, cidade não policiada, sem medidas de higiene e cheias de bebedeiras.

Aquela, um modelo de cidade para a região e aparelhada para a luta contra o paludismo. Esta, um centro de cultura para o paludismo ao natural. Nenhuma medida de higiene, a água para beber é a do rio ou dos igarapés; as defecções, feitas pelo sistema primitivo da roça, sendo que muitas casas dão os fundos para o rio e nestes casos, o sistema de dejeção é ainda mais primitivo e original (VITAL, 2012, p.65).

Alimentos e bebidas alcoólicas abaixo de qualquer crítica afigurando a constituição do suporte líquido da subsistência, o discurso que qualifica o ambiente e a paisagem insalubre, além das pessoas como incivis alcoólatras, vai servir como justificativa para o abandono de Santo Antônio e a transferência/criação de Porto Velho (VITAL, 2012, p.66).

1.2. História da “Coleção Vila de Santo Antônio”

Segundo Nascimento & Santi (2020), o sítio arqueológico Vila de Santo Antônio, começou a ser estudado a partir da visão arqueológica em 2005, por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, que realizaram levantamentos sistemáticos, referente à arqueologia histórica na área de influência da construção das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira. O levantamento foi para compor os Estudos de Impacto Ambiental (EIA), descritos no Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Em 2008, a empresa de arqueologia Scientia Consultoria Científica foi encarregada de desenvolver estudos na área a ser impactada pela usina de Santo Antônio e realizar salvamento arqueológico de sítios ameaçados, que escavou este sítio de 2010 a 2012 (GOMES, 2013).

Os materiais escavados serviram em 2013 de base para a primeira dissertação de mestrado nessa área, pelo pesquisador Raimundo Ney Gomes, Universidade Federal do

Pará, uma síntese de suas pesquisas bibliográficas e de campo, intitulada: Arqueologia e cultura material - uma História contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO). Nela ele traz argumentos teóricos e práticos que guiaram as análises e o desenvolvimento deste trabalho (Nascimento & Santi, 2020).

Conforme Nascimento (2017):

A coleção Vila de Santo Antônio (C.V.S.A) foi doada para a Universidade Federal de Rondônia – UNIR, e faz parte de umas das áreas de intervenções/coleta realizada por “terceiros” é composta de diferentes categorias de material arqueológico histórico, sendo 1.483 fragmentos de louças, 1.001 garrafas de vidro inteiras, 28 fragmentos de vidros, 30 garrafas de grés sendo inteiras e semi-inteiras, frascos de remédios, cosméticos/perfumaria, tampas, taça, tinteiros, todos de vidro sendo inteiros e semi-inteiros somando 466 fragmentos, a categoria metal é composta de colher, parafusos, latas e moedas contabilizando 22 fragmentos (NASCIMENTO, p.37, 2017).

Conforme Nascimento e Santi (2020), o Processo Nº. 01410.000074/2008-42, que deu base para tal doação, teve como parte interessada o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 16ºSR, cujo assunto seria o recebimento de acervo arqueológico sob a guarda de terceiros, com data de 28/11/2008. Segundo as autoras, existiram duas áreas de coletas que ocorrem nos anos de 1991 até 1995, nos períodos de cheias e vazante do Rio Madeira.

A primeira área localizada é a denominada “Cachoeira de Santo Antônio” o material se encontrava na margem direita, tanto a montante, numa margem entre mil a mil e duzentos metros acima do limite da Igreja de Santo Antônio e, a jusante na área que chega até a área de captação da Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia CAERD. No período de vazão do Rio Madeira era possível encontrar peças em vidro e louça no leito do canal entre a Ilha do Presídio e a margem direita. A segunda área é a denominada “Lixeira dos Ingleses” localizada na margem direita do Rio Madeira no bairro Caiari, a jusante do pátio Ferroviário da E.F.M.M”. (NASCIMENTO & SANTI, p.43, 2020).

Assim, a referida monografia refere-se a “1001 garrafas de vidros inteiras”, da Coleção Vila de Santo Antônio. Porém, salientamos que para essas análises realizamos a separação e analisamos somente as garrafas de bebidas (Garrafas de destilados, garrafas de vinho e champagne, garrafas de cerveja e garrafas de refrigerante ou água), porém, o número final foi 1028 garrafas analisadas.

CAPÍTULO 2

O VIDRO NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Neste capítulo evidenciam-se as teorias sobre a análise do vidro arqueológico no Brasil com embasamento teórico com vários autores sobre a temática exposta, com objetivo de fundamentar as normas teóricas que possa colaborar na produção da estrutura física de replicação, conjectura e investigação detalhadamente os dados da pesquisa.

2.1 Como o Vidro é estudado na Arqueologia

Como descrito por Comerlato (2004), na Arqueologia, em relação como o vidro é estudado, primeiramente o importante é ter em mente a importância da preservação em dois aspectos, primeira resguardar as informações sobre os vidros retirados do sítio arqueológico e a segunda é a preservação do estado físico vidro que foram conservados pelo microclima em que o artefato esteve submetido.

Ressalta-se que a significância da preservação do vidro como objeto de pesquisas arqueológicas como testemunho à sociedade milenar esclarece a necessidade do uso da tecnologia para preservar esse material o mais próximo possível de seu estado físico original e de suas informações. Portanto, preservação e conservação se combinam com a arqueologia para obter conhecimentos que serão perenizados juntos para sempre (DIAS, 2018, p.12).

Em suma, a arqueologia estuda o vidro e registra as atividades e todas as informações relacionadas, como mapas e esboços, fotos, cadernos de campo, amostras de solo e documentos relacionados (DIAS, 2018).

Em conformidade com Comerlato (2004), é necessário considerar, sempre, que determinados dados e bens podem apresentar grande capacidade analítica para futuras pesquisas arqueológicas do vidro, sendo neste sentido que os produtos constituintes do mesmo são amplamente estudados, ou por outro lado, são considerados inofensivos em um determinado momento e podem se tornar instrumento de pesquisas vindouras. A variedade desses vidros exige que haja grande atenção as suas particularidades em se tratando de sua conservação.

Portanto, a constituição do vidro arqueológico deve circundar uma sequência de métodos relacionados à sua preservação e manejo, como limpeza, catalogação, classificação e acondicionamento adequado. Estes mecanismos podem ser realizados em laboratório dedicado a esta atividade, podendo estes também serem colocados em reservas arqueológicas, instituições de guarda ou museus para garantir a sua segurança e naturalidade (DIAS, 2018).

Por conseguinte, o vidro não pode ser higienizado com água durante o processo de limpeza. Deve-se utilizar um pincel ou escova macia ressequidos, não friccionando as peças, principalmente as partes frágeis. Além disso, por ser um material translúcido, deve ser marcado na etiqueta adesiva transparente com uma caneta de Nankin de 0,1 de ponta, para que possa ser diretamente aderido ao material posteriormente e envernizado para impermeabilizar o número de registro (DIAS, 2013, p.108).

2.1.1 O Vidro arqueológico no Brasil

O objetivo desta seção é apresentar o vidro arqueológico no Brasil e seus antecedentes históricos, para sustentar as normas teóricas que auxiliam a esclarecer como proceder junto as análises.

Silva (2014) enfatiza que mediante ao grande desenvolvimento da Arqueologia Histórica Brasileira nas décadas anteriores, a ocorrência de vidros no histórico arqueológicos na época colonial ainda está para ser estudada e, com decorrência disso, o vidro arqueológico não possuem o mesmo afinco comparando-se com outras categorias, como restos de instrumento e materiais cerâmicos.

A literatura científica nacional é escassa em relação à análise de artefatos vítreos e, principalmente, quando se trata de vidros arqueológicos, é de suma importância frisar a excelência dos trabalhos de Próspero (2009), Santos (2011) e Silva (2014), a maioria desses estudos estão voltados para exemplares registrados e datados do século XIX.

A partir das evidências encontradas os especialistas vinculados a outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a História, a Restauração de Bens Culturais Móveis e as Artes Plásticas possivelmente examinam objetos históricos de natureza vítrea, porém de maneira descontextualizada.

Desta forma, é evidente que o compromisso da arqueologia histórica é essencial, mesmo que as pesquisas envolvendo esses materiais estejam num impasse, para que esse

predicamento de vidro arqueológico possa ganhar mais destaque no estudo da cultura material no Brasil (DIAS, 2013).

Assim, o vidro arqueológico chega ao Brasil junto com os primeiros colonizadores europeus, essas mercadorias eram usadas no escambo com o indígena, eram as famosas miçangas feitas de vidro, das quais alguns exemplares foram achados no sítio de contato interétnico Mineração, em Iguape, litoral sul de São Paulo (SANDRONI, 1989).

Em outras palavras, a chegada dos vidros arqueológicos ao Brasil pelos portugueses está registrada documentalmente em inventários paulistas no final do século XVI e início do XVII, basicamente aos cálices. Os exemplares encontrados em Iguape, no litoral sul de São Paulo mostram pelos registros arqueológicos que as miçangas pequenas continhas eram feitas a partir do vidro, sendo um dos primeiros materiais de escambos realizados pelos indígenas em todo o Brasil (SENA, 2013).

Os autores Zanettini e Camargo (1999) afirmam que nos primeiros 250 anos de apropriação europeia no Brasil, a utilização do vidro parece ter sido bastante limitada com exceção do período de domínio holandês. Sandroni (1989) relata que o maior uso de vidro se encontra a partir da exploração aurífera nas Minas Gerais.

As pesquisas sobre os vidros do período colonial ainda precisam de mais investimentos por parte da arqueologia brasileira, cujas funções ainda estão mal compreendidas, para que seja possível extrair delas inúmeros tipos de mensagens (BEVERIDGE; DOMÉNECH; PASCUAL, 2004).

2.1.2 O vidro arqueológico na Amazônia

Segundo Nascimento (2017) e Gomes (2013), posteriormente o início da colonização na região amazônica, um mundo de materiais muito diversificado como cerâmica pintada, porcelana, vidro, grés e demais, passaram a fazer parte do uso doméstico desses indivíduos.

De acordo com a literatura, existem poucas pesquisas sobre a heterogeneidade dos materiais vidreiros na Amazônia, sendo o vidro muito comum na cultura material histórica encontrada na região (GOMES, 2013).

O estudo do vidro arqueológico, tendo em vista a grande popularidade deste material após a Revolução Industrial, permite propor a reconstrução do cotidiano de certas classes de comunidade, bem como seus costumes e modos de vida, padrões de consumo e seus segmentos (GOMES, 2013).

Corroborando-se com Castro (2009) apontou que o vidro também é muito adequado como marcador de tempo, visto que sua produção utiliza uma variedade de técnicas as

quais são documentadas, embora o estudo desse material ofereça todas as possibilidades, existe uma grande carência de trabalhos deste objeto no Brasil.

As investigações em Arqueologia Histórica realizadas na Amazônia fundamentaram-se principalmente em pesquisas de interpretação de elementos arquitetônicos-paisagísticos e fontes documentais, os objetos de vidro, sobretudo garrafas, mesmo se presentes no registro arqueológico desde o começo da conquista, não encontraram lugar até então em nenhum estudo sistemático em Arqueologia Histórica nesta região (NASCIMENTO, 2017).

Esses estudos eram realizados a partir dos vidros resultantes de escavações terem dado prioridades os aspectos tecnológicos unidos ao fabrico desta categoria de material, em detrimento das possibilidades de buscar padrões de comportamento em sua utilização (GOMES, 2013).

Zanettini e Camargo (1999) descrevem que o material confeccionado em vidro é mais profuso no registro arqueológico de sítios históricos por conta de sua maior resistência às intempéries, destacando-se que através do seu estudo podem-se reconhecer inúmeras características tipológicas, morfológicas e funcionais, além de ser um importante indicador temporal que simplifica as inferências sobre datação relativa do registro arqueológico.

CAPÍTULO 3

ROTEIRO ILUSTRADO DE CURADORIA E TIPOLOGIA INDENTIFICADA NOS VIDROS DA COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO

3.1 Conhecendo as garrafas da Coleção Vila de Santo Antônio (curadoria e apresentação)

Neste capítulo evidenciam-se as práticas de higienização, numeração e análise das garrafas de vidro arqueológico da Vila de Santo Antônio pela equipe que realizou este trabalho, destacando que tivemos que antecipar o trabalho de curadoria das garrafas por motivo da pandemia Covid 19 onde ela está ceifando várias vidas em todo mundo.

3.1.1 Práticas da curadoria das garrafas de vidro arqueológico da Vila de Santo Antônio

O trabalho de curadoria foi sugerido pelas orientadoras Profa. Juliana Santi e Profa. Eclésia Gonçalves do Nascimento. Logo em seguida foi marcada na semana seguinte uma reunião com a orientadora e a arqueóloga Eclésia do Nascimento para conhecermos as Garrafas que se encontravam na Reserva Técnica de Arqueologia da UNIR. Em 2019 fui apresentado às mesmas, ficando acertado os procedimentos adequados para o manuseio das caixas do piso inferior onde se encontrava as garrafas, até o superior, onde elas passariam pelo processo de higienização e numeração.

Foram escaladas pela orientadora Juliana Santi as acadêmicas Fernanda e Norma para auxiliar na curadoria das garrafas arqueológicas da Vila de Santo Antônio. As técnicas de numeração e de higienização foram aplicadas logo após todas as caixas que se encontravam nos armários foram levados para a parte superior do laboratório onde foi feito o trabalho de numeração.

Nesse processo, percebemos que em algumas garrafas da coleção da Vila de Santo Antônio já havia numeração, como não tínhamos memória sobre o processo, a equipe achou melhor apagar, pois sem um registro adequado, não saberíamos qual numeração era a inicial e qual seria a final.



Figura 1 - Pontos de coletas do acervo da C.V.S.A. a partir da visualização do Google Earth Fonte: Nascimento e Santi (2020).

3.1.2 Técnicas e material utilizado para a numeração

A arqueóloga Eclésia do Nascimento orientou sobre os materiais a serem utilizados na numeração das garrafas arqueológicas: **1** Algodão, **2** Acetona, **3** Tinta (Nankin branco), **4** Pincel bico de pena, **5** Esmalte incolor, **6** Plástico bolha. Foi administrada uma explicação pela arqueóloga Eclésia do Nascimento sobre as técnicas de numeração, destacando as necessidades de limpeza nos locais da numeração. Os procedimentos que usamos foram os seguintes: passou-se a primeira camada de base no local, aguardou-se que ela secasse, depois de seca imergimos a ponta do pincel na tinta e começamos a fazer a numeração, aguardamos a tinta secar, passamos a segunda mão de base para selar a numeração e então deixamos secar, como um processo final.

3.1.3 A numeração e a sigla

A numeração seguiu uma ordem numérica começando pelo 01 até o número 1.031. A tipologia das garrafas foi feita através de características das garrafas. Para essa tipologia

foi numerada por letras seguindo o alfabeto brasileiro, quando se acabaram todas as letras, iniciamos o processo de duplicação do alfabeto e assim sucessivamente. O modelo das siglas e número que foram utilizadas foram feitos dessa forma: C.V.S.A.01.A.

Tabela 1 – Tipologias das garrafas de bebidas.

TIPOLOGIA	Soma de Quantidade
A	11
AA	30
AAA	2
AAAA	1
AAAAA	1
B	80
BB	4
BBB	2
BBBB	1
BBBBB	1
C	90
CC	9
CCC	3
CCCC	2
CCCCC	1
D	2
DD	5
DDD	2
DDDD	1
DDDDD	1
E	71
EE	4
EEEE	1
EEEEE	1
F	10
FF	3
FFFF	1
FFFFF	6
G	11
GG	1
H	2
HH	5
HHH	1
HHHH	1
HHHHH	1
I	13
I	1
II	1

III	1
IIII	1
IIIII	1
J	221
JJ	3
JJJ	1
JJJJ	1
JJJJ	2
K	1
KK	3
KKK	1
KKKK	1
L	62
LL	4
LLL	1
LLLL	0
M	25
MM	3
MMM	1
MMMM	1
MMMMM	1
N	5
NI	5
NN	2
NNNN	1
NNNNN	0
O	1
OO	2
P	1
PP	4
PPPP	2
Q	1
QQQ	1
QQQQ	1
R	3
RR	2
RRR	1
RRRR	1
S	1
SS	1
SSS	1
SSSS	1
T	148
TT	1
TTT	1
U	1

UUU	1
UUUU	1
V	2
VV	4
VVV	1
W	36
WW	2
WWW	1
X	6
XX	2
XXX	3
Y	54
YY	1
YYY	1
Z	6
ZZ	2
ZZZ	1
ZZZZ	1
Total Geral	1031

Destacamos que as tipologias com as maiores quantidades estão representadas pelas: M; AA; W; Y; L; E; B; C; T e J.

3.1.4 Guarda das garrafas após numeração

Logo após perceber que a numeração se encontrava seca, as garrafas foram embaladas com plástico bolha e guardadas em caixas de acrílico, obedecendo cada tipologia especificadas com letras em cada caixa, que deu origem a relação que se encontra em anexo.

Como foram identificadas várias tipologias de garrafas, e algumas com poucos exemplares, inserimos mais de uma tipologia em uma mesma caixa. Todas as garrafas inteiras da coleção doadas para a Reserva Técnica de Arqueologia da UNIR foram numeradas. O processo foi pausado em março de 2020 devido ao cenário atual pelo motivo da pandemia da Covid 19 e retomado em 2022.

Quando voltamos para o laboratório a fim de fazer a análise nas garrafas, encontramos um novo cenário. As caixas haviam sido deslocadas do prédio 2P para o prédio 4F e de certa forma misturadas. Esse fato deu-se, pois, a Reitoria solicitou o Prédio 4F, assim como a retirada de todos os materiais arqueológicos que estavam salvaguardados

em seu interior. Ocorre que o Prédio 4F, contrapartida pela construção das Usinas Jirau e Santo Antônio, passou por diversos problemas estruturais e elétricos, que fez com que a coleção permanecesse com um certo desamparo, já que a Reserva Técnica durante o período da pandemia.

Assim, no início de 2022, realizamos uma nova curadoria em toda a coleção que nos foi destinada, realizando a limpeza e numeração nas garrafas que estavam sem essa etapa. Realizamos a separação tipológica e o registro fotográfico, conforme destacamos no próximo item.

3.2 Garrafas de bebidas: escolhas, definições tipológicas, separação por categorias (etapas 1 e 2)

Juntamente ao trabalho da discente Fernanda Brasil (2022), realizamos as escolhas tipológicas para as garrafas da coleção Vila de Santo Antônio, definidas a partir do site: <https://sha.org/bottle/index.htm>. Os atributos que foram utilizados para as categorizações foram os vestígios em rótulos ou inscrições na própria garrafa, quando não encontrados, foram inseridas dentro da categoria "Não Identificadas".

Na coleção da Vila de Santo Antônio, podem ser encontradas todas as categorias abaixo, sendo que as quatro primeiras categorias podem ser vistas neste trabalho e as três subsequentes no trabalho de Brasil (2022):

1. Garrafas de destilados: Licores de todos os tipos - bourbon, centeio, gim, uísque escocês, conhaque etc. Eram engarrafados em uma ampla variedade de formas e tamanhos de garrafas, desde pequenos frascos que continham algumas onças até garrafões e garrafões que continham galões. Tal como acontece com praticamente todas as categorias de tipos de garrafas, a diversidade de garrafas de licor é incrivelmente complexa em profundidade e variedade. No entanto, existem tendências definitivas nas formas que marcam uma garrafa como muito provável de ter sido usada principalmente ou originalmente como recipiente para bebidas destiladas com alto teor alcoólico destinadas ao consumo interno, "medicinal" ou não.

2. Garrafas de vinho ou champagne: De um modo geral, o vinho e o champanhe (essencialmente gaseificado ou "espumante") eram engarrafados em uma variedade muito mais limitada de formatos de garrafa do que os recipientes de bebidas alcoólicas / licores. Neste trabalho o termo "champanhe" está se referindo a todos os vinhos espumantes, não apenas aqueles daquela região da França. A grande maioria das garrafas de vinho/champanhe são redondas em seção transversal; formas quadradas, retangulares ou

outras formas de corpo são incomuns, embora existam em menor grau com garrafas de vinho, especialmente no século XX. O champanhe, sendo carbonatado, praticamente tinha que ser contido em garrafas de vidro pesadas redondas (como todas as bebidas carbonatadas), já que as garrafas redondas são inerentemente mais fortes do que outras formas, todas as outras coisas sendo iguais (espessura e qualidade do vidro). Além disso, a grande maioria das garrafas de vinho/champanhe eram (e continuam a ser) produzidas em algum tom de verde oliva, com uso ocasional de vidro âmbar e Aqua/incolor; outras cores eram incomuns.

3. Garrafas de cervejas: Semelhante a garrafas de vinho e champanhe, cerveja e produtos relacionados (ale, porter, stout) eram engarrafados em uma variedade relativamente limitada de formatos de garrafa, embora provavelmente um pouco mais diversificados. Essencialmente, todas as garrafas de cerveja são redondas (cilíndricas) na seção transversal; quadrados, retangulares ou outros formatos de corpo são quase desconhecidos. Cerveja e ale, sendo carbonatadas (conhecidas como "utensílios de pressão" na indústria de fabricação de garrafas), praticamente tinham que ser contidas em garrafas de vidro cilíndricas pesadas, uma vez que tal forma é inerentemente mais forte do que outras formas - todas as outras coisas sendo iguais, por exemplo, tamanho da garrafa, espessura e qualidade do vidro. As garrafas de cerveja também eram de vidro espesso, pois tinham que sobreviver ao extenso manuseio e uso pós-engarrafamento, pois essas garrafas eram normalmente reutilizadas muitas vezes, como evidenciado pelo extenso desgaste da base e lateral em muitos exemplos.

4. Garrafas de refrigerantes ou água: Soda e água mineral eram engarrafadas em uma variedade moderadamente diversa de estilos de garrafa, no entanto, a natureza carbonatada da água com gás reduziu a possível variedade de garrafas de várias maneiras. Mais importante ainda, as garrafas tinham que ser feitas de vidro relativamente pesado/espesso para suportar as pressões gasosas do próprio produto. As garrafas também tinham que ser capazes de sobreviver aos rigores do processo de engarrafamento de alta pressão, bem como à extensa pós - manuseio e uso do engarrafamento, uma vez que as garrafas de água com gás eram normalmente reutilizadas muitas vezes. Contribuindo também para um grau de uniformidade e relacionado com a carbonatação está o facto de a grande maioria das garrafas de água gaseificada serem redondas na secção transversal - cilíndrica.

5. Garrafas de fármacos/drogaria: medicamentos, perfumes, hidratantes, venenos etc. Provavelmente a categoria mais variada de tipos de garrafas.

6. Garrafas de alimentos: molhos, condimentos, leite, conservas, óleo vegetal etc.

7. Garrafas domésticas: tinta, cola, artigos de higiene, rapé, produtos de limpeza, óleo de máquinas etc.

8. Garrafas não identificadas: correspondem as garrafas que não possuíam rótulos e nem inscrições que pudessem identificá-las.



Figura 2 - Exemplo de Garrafa de destilados: Tipo BBB.



Figura 3 - Exemplo de Garrafa de vinho ou champagne: Tipo AA.



Figura 4 - Exemplo de Garrafa de cervejas: Tipo CC.



Figura 5 - Exemplo de Garrafa de refrigerantes ou água: Tipo J.



Figura 6 - Exemplo de Garrafa de fármaco: Sedativo para cólicas Fluxosedatina do PHCo. Chimico S. P. de Araújo, classificado como "incômodo da mulher". Fonte: Brasil, 2021.

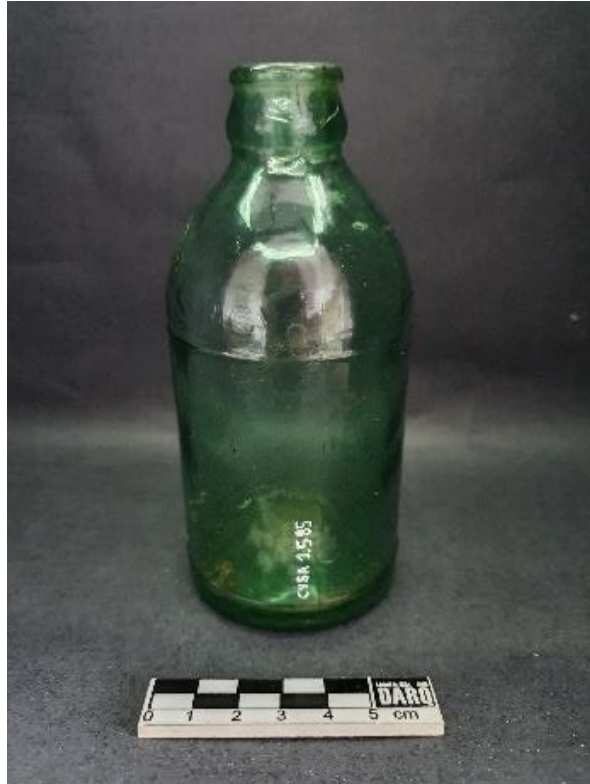


Figura 7 - Exemplo de Garrafa de alimento: LEITE DE COCO NATURAL SERIGY". Fonte: Brasil, 2021.



Figura 8 - Exemplo de Garrafa de doméstica: tinteiro. Fonte: Brasil, 2021.

A análise tipológica realizada durante a etapa de numeração das garrafas, permitiu a confecção de um roteiro fotográfico com 102 tipos classificados na amostra da coleção analisada, composta por 1031 garrafas, conforme tabelas 1 e 2, identificada aqui como etapa 1.

A análise qualitativa da coleção escolhida foi realizada em outras duas etapas, após a classificação tipológica: a etapa 2 foi a realização da percepção dos tipos de garrafas partindo de atributos conforme as informações do site: <https://sha.org/bottle/index.htm> (correspondentes aos números 1, 2, 3 e 4 descritos acima), onde podemos perceber a exclusão de três garrafas que tratavam-se de 1 garrafa de alimento e 2 garrafas de remédios. E a etapa 3 onde selecionamos as garrafas com rótulos ou impressões que pudessem nos dar informações sobre as mesmas, e seus resultados serão apresentados em um tópico específico (3.6).





Tabela 2 – Classificações tipológicas das garrafas de bebidas.





Água Tônica	L	U
B	M	W
GG	N	X
J	R	XXX
K	T	Z

ZZ CCCC	YYY	I JJ KK KKK KKKK NN PP PPPP RR RRR TTT UUU WWW XX ZZZ LLL
Refrigerante	Destilado	
A D H LLL O SS TT X Y XXXX	BBB MM OO UU WW YY ZZZ LL QQQ MMM SSS	
Cerveja	Vinho	Espumante/Champagne
BB CC CCCC EEEE F FF G HH V VV	AA AAAA AAAAA B C CCC DDD DDDD E I	BBBB BBBBB EE JJJ MMMM S VVV





Tabela 3 - Análise tipológica e qualitativa das garrafas de bebidas.





Tipologia	Classificação	Foto
A	Refrigerante	



AA	Vinho	
AAA	Não identificada	
AAAA	Vinho	
AAAAA	Vinho	





B	Vinho	
BB	Cerveja	
BBB	Destilado	
BBBB	Champagne/Espumante	




<p>BBBBB</p>	<p>Champagne/Espumante</p>	
<p>C</p>	<p>Vinho</p>	
<p>CC</p>	<p>Cerveja</p>	





CCC	Vinho	
CCCC	Água Tônica	
CCCCC	Não identificada	
D	Leite (retirada da análise por ser garrafa de alimento)	

DD	Não identificada	
DDD	Vinho	
DDDD	Vinho	
DDDDD	Não identificada	





E	Vinho	
EE	Champagne/espumante	
EEEE	Cerveja	



<p>EEEEEE</p>	<p>Não identificada</p>	
<p>F</p>	<p>Cerveja</p>	
<p>FF</p>	<p>Cerveja</p>	
<p>FFFF</p>	<p>Champagne/espumante</p>	





FFFFF	Não identificada	
G	Cerveja	
GG	Água tônica	





H	Refrigerante	
HH	Cerveja	
HHH	Não identificada	
HHHH	Não identificada	




HHHHH	Não identificada	
I	Vinho	
III	Não identificada	
IIII	Não identificada	





<p>IIII</p>	<p>Não identificada</p>	
<p>J</p>	<p>Água Tônica</p>	
<p>JJ</p>	<p>Vinho</p>	
<p>JJJ</p>		





JJJJ	Champagne/espumante	
JJJJJ	Não identificada	
L	Água tônica	
LL	Destilado	





<p>LLLL</p>	<p>Vinho</p>	
<p>LLLLL</p>	<p>Não identificada</p>	
<p>M</p>	<p>Água tônica</p>	
<p>MM</p>	<p>Destilado</p>	





MMM	Deslitado	
MMMM	Champagne/espumante	
MMMMM	Não identificada	
N	Água tônica	




<p>NN</p>	<p>Vinho</p>	
<p>NNNN</p>	<p>Não identificada</p>	
<p>NNNNN</p>	<p>Não identificada</p>	





O	Refrigerante	
OO	Destilado	
P	Água tônica	
PP	Vinho	





<p>PPPP</p>	<p>Vinho</p>	
<p>K</p>	<p>Água tônica</p>	
<p>KK</p>	<p>Vinho</p>	
<p>KKK</p>	<p>Vinho</p>	





KKKK	Vinho	
R	Água tônica	
RR	Vinho	
RRR	Vinho	





RRRR	Não identificada	
S	Champagne/espumante	
SS	Refrigerante	
SSS	Destilado	





SSSS	Não identificada	
T	Água tônica	
TT	Refrigerante	




TTT	Vinho	
U	Água tônica	
UU	Destilado	
UUU	Vinho	

Q	Não identificada	
QQQ	Vinho	
QQQQ	Destilado	
V	Cerveja	

VV	Cerveja	
VVV	Champagne/espumante	
W	Água tônica	
WW	Destilado	

WWW	Vinho	
X	Água tônica	
XX	Vinho	
XXX	Água Tônica	

Y	Refrigerante	
YY	Destilado	
YYY	Cerveja	
Z	Água tônica	

ZZ	Champagne/espumante	
ZZZ	Destilado	
ZZZZ	Vinho	

A etapa 2 permitiu a categorização das garrafas em: Garrafa de destilados, Garrafa de vinho, Garrafas de espumante ou champagne, Garrafa de cervejas e Garrafa de refrigerantes, garrafas de água tônica, conforme pode ser visto na tabela abaixo.

Como podemos perceber com as tabelas acima, nossa classificação tipológica (etapa 1) foi interessante para perceber as funções das garrafas da coleção. Apesar da diversidade de categorias tipológicas em cada categoria de garrafa, as tipologias não se

repetem nas classificações, com exceção da tipologia X que identifica tanto água tônica quanto refrigerante, porém ainda assim, está dentro da categoria água gaseificada.

Durante essa segunda etapa, realizamos a exclusão de três garrafas, por tratarem-se de categorias que não estão contempladas neste trabalho. Conforme o gráfico abaixo a coleção de garrafas de bebidas que analisamos é quantificada finalmente em 1028 garrafas, sendo que a maioria é de água tônica, seguida pelos vinhos, refrigerantes, cervejas, destilados, espumantes e licores.

Tabela 4 – Quantificação das garrafas de bebidas classificadas neste trabalho.

Tipos de bebidas	Quantidade
Champ/Espumante	10
Destilado	17
Não identificada	41
Cerveja	51
Refrigerante	73
Vinho	316
Água Tônica	520
Total Geral	1028

3.3 Garrafas de bebidas: análise qualitativa (etapa 3)

Na etapa 3 selecionamos as garrafas com rótulos ou impressões que pudessem nos dar informações sobre as mesmas, buscando caracterizar e contextualizar a cultura material coletada através de marcas impressas nos vidros, realizando a comparação com anúncios de revistas, bibliografias especializadas, *sites*.

Puderam ser identificadas três marcas de água tônica na coleção: a água tônica ROOS BELFAST, a Belfast WHEELER & Co Ltda e a SCHWEPPEES. Duas marcas de refrigerante: Garrafa de Guaraná Antarctica e a Garrafa de Guaraná Andrade. Cinco marcas de vinhos: Vinho do Porto Romariz & Filho; Vinho Chianti; Vinho do Porto RCVNP; Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen; Vermute Cinzano & Cia Torino Fco. Duas marcas de destilados: Licor Bénédicte e Absinto Pernod Fils (tabela 5).

3.3.1 Água Tônica/refrigerante

A água tônica ROOS BELFAST de fundo redondo na foto abaixo foi importada das Ilhas Britânicas para os EUA em grandes quantidades, e está gravado com ROSS'S de um lado e BELFAST (Irlanda) do outro (figuras 8, 9, 10 e 11). Foi soprada em um molde de duas peças e não exibe nenhuma evidência aparente de ventilação do molde. Segundo informações do site, se for de fabricação americana, esta garrafa pode ter sido fabricada entre 1865 a 1880. Embora feitas no exterior, essas garrafas foram importadas aos milhões para os Estados Unidos de meados do século 19 até o século 20 e são muito comumente encontradas em locais históricos do final do século 19 ao início do século 20, embora também possam datar da década de 1870. A grande maioria das garrafas dessas águas tônicas que são de fundo redondo/torpedo sopradas pela boca, datam de 1870 a 1910. Fonte: <https://sha.org/bottle/soda.htm#Round%20Bottom/Torpedo%20Styles>, acessado em 17 de fev. 2023.



Figura 9 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia L (classificação feita pelo autor).

Essas garrafas são difíceis de datar com precisão, mas são de uma safra do final do século 19 ao início do século 20 (ou seja, de 1880 a 1910), e as com a base ligeiramente achatada pareçam ter aparecido pela primeira vez no início da década de 1890, com a maioria datando de cerca de 1900 até 1920 (Illinois Glass Co. 1898, 1903, 1906; Elliott & Gould 1988). Garrafas de refrigerante de fundo redondo com a base ligeiramente achatada - permitindo que fiquem de pé de forma um tanto precária - não datam antes do início da década de 1890, provavelmente datando de cerca de 1900 ou mais tarde (Illinois Glass Co. 1898, 1903, 1906; Elliott & Gould 1988). Fonte: <https://sha.org/bottle/soda.htm#Round%20Bottom/Torpedo%20Styles>, acessado em 17 de fev. 2023.



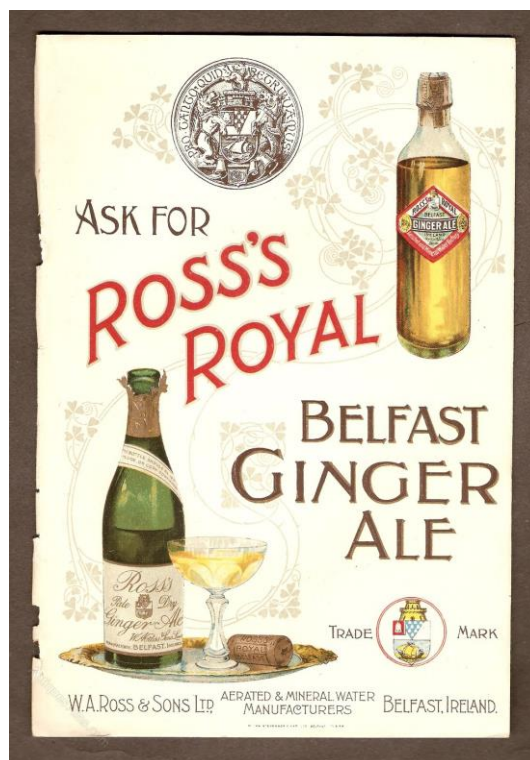
Figura 10 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia J (classificação feita pelo autor).



Figura 11 - Água Tônica ROOS BELFAST, Tipologia CCCC (classificação feita pelo autor).



Figura 12 - Água Tônica Belfast (1895) R E. Tipologia U (classificação feita pelo autor).



Fonte: https://www.antiques-atlas.com/antique/magazine_tin-ins_c1900s_/as167a912

Em relação a Água Tônica SCHWEPPEs, encontramos informações sobre sua história, identificando essa como a marca mais antiga de refrigerante do mundo e segundo as informações levantadas, começou quando Johann Jacob Scheppe, um joalheiro bem-

sucedido, alemão de nascença, mas naturalizado suíço, e cientista e químico amador nas horas vagas, se inspirou em Lavoisier para iniciar estudos e pesquisas, sem muita pretensão, que envolviam gás e água. Até que em 1783 ele descobriu um método eficaz de produzir água carbonatada (água com altos teores de gás carbônico) em escala comercial. O novo produto (nada mais que água mineral com gás) recebeu o nome de seu criador com uma pequena adaptação no final, que remetia ao som de sua efervescência: SCHWEPPEs. Em 1870 a fábrica ampliou sua linha de produtos, passando a produzir também **SCHWEPPEs TONIC**, água com altos teores de gás carbônico e um toque de quinino (um alcalóide de gosto amargo que tem funções antitérmicas, antimaláricas e analgésicas), chamada também de “água tônica indiana”, pois, a ideia de colocar quinino na bebida nasceu dentro das fileiras do exército indiano como forma de combater a malária; e **SCHWEPPEs GINGER ALE**, com extratos naturais de gengibre. Em 1877, na cidade de Sydney na Austrália, a empresa instalou uma pequena unidade fabril e, em 1884, outra em Nova York. Era o começo de uma expansão internacional para levar seus produtos a outros países. Depois de se converter em sociedade anônima no ano de 1897, a empresa criou em 1923 uma subsidiária para cuidar do desenvolvimento da marca nos mercados estrangeiros.

Fonte: <https://www.cocacolabrazil.com.br/marcas/schweppes>;
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Schweppes>;
<https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/schweppes-crisp-bubbles.html>, acessado em 20 de fevereiro de 2023.



Figura 13 - Primeira garrafa de SCHEPPES. Fonte: <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/schweppes-crisp-bubbles.html>, acessado em 20 de fevereiro de 2023.

Em relação a garrafa abaixo (figura 13), podemos datar de 1783 a 1918, já que a logomarca é desse período. Não encontramos imagens desse tipo de garrafa no site da marca.



Figura 14 - Água Tônica SCHWEPPES, Tipologia Z (classificação feita pelo autor).

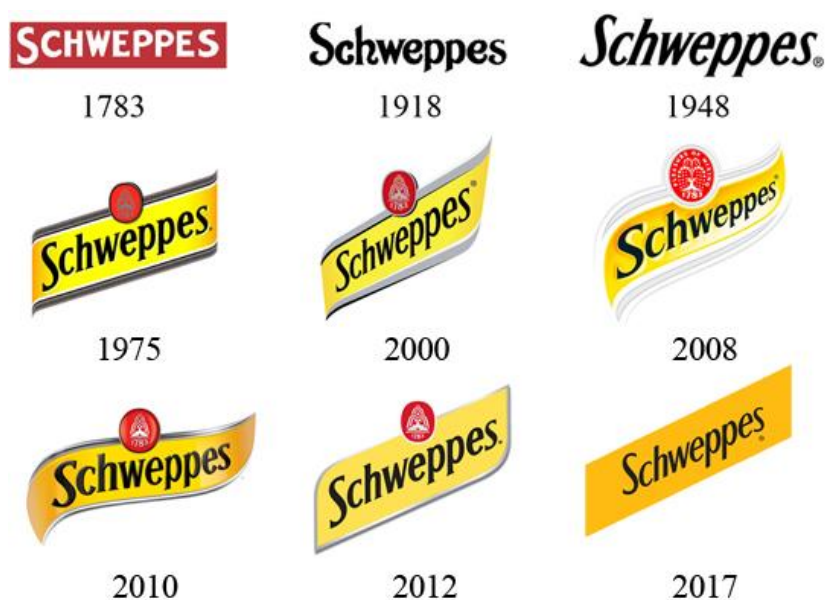


Figura 15 - Logomarcas das garrafas de SCHWEPPES.

Garrafa de água mineral Belfast WHEELER & Co Ltda de vidro âmbar/verde muito agradável (figura 15). Gravado na frente "WHEELER & Co Ltda, MARCA REGISTRADA,

BELFAST" e com a marca da roda no meio. Parece o topo da máquina, mas na verdade tem um acabamento superior aplicado. "W" gravado na base. Parte superior da cortiça. Data da década de 1910.

Fonte: https://www.ebay.ca/itm/125658379003?_trkparms=amclsrc%3DITM%26aid%3D1110006%26algo%3DHOMESPLICE.SIM%26ao%3D1%26asc%3D20200818142055%26meid%3D0e3cea13cb1c4c57a8c777b52e0e76d6%26pid%3D101111%26rk%3D2%26rkt%3D12%26sd%3D144448233822%26itm%3D125658379003%26pmt%3D0%26noa%3D1%26pg%3D2047675%26algv%3DDefaultOrganicWebV9BertRefreshRanker&_trksid=p2047675.c101111.m2109, acessado em 22/02/23.



Figura 16 - Garrafa de água mineral Belfast WHEELER & Co Ltda, Refrigerante, Tipologia H (classificação feita pelo autor).

Garrafa de Guaraná Antarctica. Nascida “Antarctica Paulista – Fábrica de Gelo e Cervejaria”, em 1888, na Água Branca, local aonde já funcionava um abatedouro de suínos chamado “Antarctica”, a fábrica de cervejas, primeira no gênero no país, tornou-se o que os publicitários costumam chamar de case de sucesso, pois já integra o imaginário coletivo das pessoas com seus produtos (figura 16). A empresa passou por sérios problemas financeiros, devido à desvalorização da moeda na época (era 1893), mas conseguiu sobreviver graças aos dois acionistas já citados, Zerrenner e Bülow. A empresa passa então a focar na fabricação de cerveja e refrigerantes. A partir de então recuperou-se e passou a crescer rapidamente, sendo que em 1904 adquire o controle acionário da Cervejaria Bavária, na Mooca, que pertencia a Henrique Stupakoff & Cia. Com capital alemão e brasileiro, dividido meio a meio, e maquinários vindos da Suíça e da Alemanha, ali se produziam as seguintes

qualidades de cerveja: Pilsen, Munchen e Export, que eram vendidas em barris ou em garrafas. Nos idos dos anos 1910-1920, que surgiram dois outros grandes produtos de projeção mundial: a soda limonada em 1912, e o guaraná Antarctica em 1920.

<https://saopauloantiga.com.br/antarctica-paulista/>

e

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guaran%C3%A1_Antarctica



Figura 17 - Garrafa de Guaraná Antarctica. Refrigerante, Tipologia O (classificação feita pelo autor).

Garrafa de Guaraná Andrade. A fábrica de refrigerante Andrade localizou-se primeiramente à Rua Dr. Leovigildo Coelho, era propriedade dos irmãos portugueses Antônio Ribeiro d'Andrade e Alberto Ribeiro d'Andrade chegados a Manaus na década de 90 do século XIX (figura 17). A fábrica possuía maquinário movido a combustível de fabricação inglesa e usava água destilada ou filtrada. Enviou produtos às exposições do Rio de Janeiro, de 1908, Bruxelas, de 1910, e Turim, de 1911, obtendo os primeiros prêmios. Foi uma enorme empresa que fabricava conhaque, anis, água apollinaris, cola, cidra, ginger-ale vermute, parati, sifão, soda, limonada, Fernet Branca e uma grande variedade de xaropes. Transformou-se na fabricante de um dos melhores refrigerantes a base de xarope de guaraná de Manaus, o Guaraná Andrade. <https://manausdeantigamente.blogspot.com/2020/04/guarana-andrade-fabrica-de-guarana.html>



Figura 18 - Garrafa de Guaraná Andrade. Refrigerante, Tipologia XXXX (classificação feita pelo autor).

3.3.2 Vinho

Garrafa de vinho do Porto Romariz & Filho, empresa fundada em 1850 pelo patriarca de uma família portuguesa, Manoel da Rocha Romariz, a casa Romariz estava inicialmente centrada no comércio para o Brasil e antigas colônias portuguesas, acabando por se expandir para Inglaterra e estabelecer-se no mercado interno como marca de referência na produção de vinhos de qualidade (figura 18). Em 1966, foi adquirida pela Guimaraens & Cia., que privilegiou o mercado nacional para a consolidação da marca. Contudo, em 1987, passou a pertencer a um grupo inglês, que se centrou no desenvolvimento e potencial do Porto Reserva Latina, que é hoje a verdadeira imagem de marca da casa Romariz.



Figura 19 - Garrafa de Vinho Porto Romariz & Filho, Tipologia ZZZZ (classificação feita pelo autor).

Garrafa de vinho Chianti da Toscana na Itália. Exemplos de garrafas de ambos os tipos datam de meados do século 19 (possivelmente final do século 19 para as garrafas de Chianti) até pelo menos a década de 1920. Exemplos feitos à máquina datam de meados ao final da década de 1910 até os dias atuais (figura 19). Fonte: <https://sha.org/bottle/wine.htm#Wine%20Bottles>, acessado em 17 de fev. 2023



Figura 20 - Garrafa de Vinho Chianti, Tipologia KKKK (classificação feita pelo autor).

Garrafa de vinho do Porto RCVNP, da Real Companhia Vinícola do norte de Portugal, 1890, Importação de Bolonha da D&C. Refere-se à Fábrica de Cerâmica de Jerônimo Pereira Campos, Filhos, localizada no norte de Portugal, que funcionou de 1896 a 1916, fundada por Jerônimo Pereira Campos e seus dois filhos mais novos, Henrique e João (figura 20 e 21). A fábrica nasceu em um período de estagnação e crise (1891-1914) da economia portuguesa. Sem concorrência para suas telhas tipo Marselha e seus tijolos, a fábrica passou por dificuldades em 1903, quando começou a disputar o mercado com a empresa Cerâmica da Fonte Nova Ltda. Prevendo o pior, a olaria instalou uma fábrica de vidros, abandonada em 1908, com a falência de sua rival. Em 1907, o falecimento de Jerônimo Pereira Campos levou à divisão da fábrica entre seus quatro filhos. Atualmente, o prédio da antiga fábrica abriga o Centro Cultural e de Congressos de Aveiro (SOUZA, p. 52, 2013). Fonte: <https://www.catawiki.com/pt/l/23209861-1890-rcvnp-garrafeira-port-oporto-1-garrafas-0-75-l>, acessado em 22 de fev. de 2023.



Figura 21 - Garrafa de vinho do Porto RCVNP, Tipologia AAAA (classificação feita pelo autor).



Figura 22 - Garrafa de vinho do Porto RCVNP. <https://www.catawiki.com/pt//23209861-1890-rcvnp-garrafeira-port-oporto-1-garrafas-0-75-l>

Garrafa de Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen, tem hoje, mais de 160 anos desde a sua fundação, continua independente, e é uma das poucas Casas de Porto Portuguesas 100% familiares (figura 22). Fonte: https://www.garrafeiranacional.com/andresen-1845-1945-porto.html?gclid=CjwKCAiAl9efBhAkEiwA4Torit7fjG25exq_r2lK2IbQYI_0fzPSFi1VWFEZcORbU43xADZjfN6d7RoCdbYQAvD_BwE, acessado em 22 de fev de 2023.



Figura 23 - Garrafa de Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen, Vinho, Tipologia QQQ (classificação feita pelo autor).

Garrafa de Vermute Cinzano & Cia Torino Fco. O tradicional vermute CINZANO é uma mistura perfeita entre vinho, álcool, açúcar e uma infusão de ervas e especiarias que garantem seu sabor único e inconfundível, apreciado em bares e restaurantes de todo o mundo quer seja puro, com gelo ou em uma centena de drinques (figura 23 e 24). A origem da marca remonta ao ano de 1757 quando no dia 6 de junho os irmãos Carlos Stefano e Giovanni Giacomo Cinzano, após receberem seus diplomas de mestres destiladores, começaram a produzir em um pequeno estabelecimento na vila de Pecetto, próxima a cidade de Turim, algumas misturas aromáticas de vinhos com ervas aromáticas provenientes dos Alpes Italianos. Mas foi somente em 1787, quando o filho de Giovanni assumiu a administração da empresa que o produto ganhou fama e passou a ser conhecido como “Vermute de Torino”, tornando-se assim um ícone da cultura italiana. A partir de 1878 CINZANO começou a ser exportado para outros países, como por exemplo, Argentina, Brasil, Índia e Estados Unidos, além de várias partes da Ásia e África. A identidade visual da marca passou por inúmeras remodelações ao longo dos anos. O logotipo retangular vermelho e azul, que se tornou uma poderosa ferramenta de reconhecimento da marca, surgiu em 1925 e ao longo dos anos passou por algumas modificações. A primeira delas ocorreu em 1935 com a inversão das cores, uma nova tipografia de letra (com o Z em destaque), o nome em amarelo e bordas também amarelas. Fonte: <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/cinzano-vermouth-of-torino.html>, acessado em 27 de fevereiro de 2023.



Figura 24 - Marcas Cinzano. Fonte: <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/cinzano-vermouth-of-torino.html>, acessado em 27 de fevereiro de 2023.



Figura 25 – Vinho vermute, Tipologia TTT (classificação feita pelo autor).

3.3.3 Destilado

Garrafa de licor Bénédictine. O licor BÉNÉDICTINE é considerado o licor mais antigo do mundo (figura 25). Sua criação data de 1510 quando o monge beneditino que o inventou, Dom Bernardo Vincelli, habitava um mosteiro na pitoresca cidadezinha litorânea de Fécamp, na Normandia, França. Ele misturou uma enorme variedade de ervas e plantas dos quatro cantos do mundo para criar um elixir medicinal único, destilado no próprio mosteiro. Durante séculos os monges guardaram sigilosamente a receita do delicioso elixir, que fazia enorme sucesso. O local foi saqueado durante a Revolução Francesa em 1789 e a fórmula do delicioso elixir ficou desaparecida até 1863, quando caiu nas mãos de um colecionador de arte religiosa e comerciante de vinhos local, chamado Alexandre Prosper Hubert Le Grand, descendente de um provedor do mosteiro, que encontrou a receita em um velho grimoire (livro de poções e magia) na biblioteca de sua família, e resolveu decifrar a fórmula e retomar sua fabricação com a ajuda de um químico, mantendo a tradição de que somente três pessoas podiam conhecer sua fórmula secreta. <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/10/bndictine-o-mais-antigo-do-mundo.html>, acessado em 25 de fevereiro de 2023.

Este licor foi introduzido no nosso país em 1894, data em que foi registada a marca no Boletim da Propriedade Industrial. Fonte? <http://garfadasonline.blogspot.com/2012/04/o-licor-benedictine.html>, acessado em 25 de fevereiro de 2023.



Figura 26 - Licor Bénédicte, Destilado, Tipologia LL (classificação feita pelo autor).

Garrafa de absinto Pernod Fils. Em 1805 Henri-Louis PERNOD criou a bebida que mais tarde se tornaria a mais apreciada nos cafés e esplanadas de Paris. O segredo do Pernod encontra-se bem guardado, tendo como base a destilação de anis com ervas e plantas aromáticas (figura 26). Fonte: <https://www.garrafeiranacional.com/pernod.html>, acesso em 27 de fevereiro de 2023.

Poucos anos mais tarde, em 1805, a companhia Pernod Fils foi criada em Pontarlier na França por Henri-Louis Pernod para produzir a bebida. Inicialmente conhecido por sua propriedade de aliviar a dor, o absinto rapidamente ganhou fama na França com a marca PERNOD, sendo chamado de “O absinto da alta sociedade parisiense”. Nas décadas seguintes os pedidos se multiplicaram, a produção cresceu e uma segunda fábrica foi inaugurada em 1871, mesmo ano em que a destilaria Hémard foi montada em Montreil-sous-Bois por Ariste Hémard. No ano seguinte, a empresa Pernod Père et Fils foi formada em Avignon por Jules-François Pernod. Tudo ia muito bem até que no dia 17 de março de 1915 um decreto ministerial banuiu a produção do Absinto e a empresa foi forçada a fechar suas portas. Fonte: <https://www.garrafeiranacional.com/pernod.html>, acesso em 27 de fevereiro de 2023.



Figura 27 – Absinto Pernod Fils, Tipologia SSS (classificação feita pelo autor).

Tabela 5 – Etapa 3 concluída: marcas, origens e datação aproximadas das garrafas de bebidas da coleção V.S.A.

Marcas	Origem	Datação aproximada
ROOS BELFAST (Água Tônica)	Irlanda	1870 a 1910
Belfast WHEELER & Co Ltda (Água Tônica)	Irlanda	1870 a 1910
SCHWEPES (Água Tônica)	Suíça	1783 a 1918
Guaraná Antarctica	Brasil/São Paulo	1888 a 1920
Guaraná Andrade	Brasil/Manaus	1890 a 1911
Vinho do Porto Romariz & Filho	Portugal	1850
Vinho Chianti	Itália	1890 a 1910
Vinho do Porto RCVNP	Portugal	1891 a 1914
Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen	Portugal	1845 a 1945
Vermute Cinzano & Cia Torino Fco	Itália	1878 a 1935
Licor Bénédictine	França	1863 a atual
Absinto Pernod Fils.	França	1805 a 1915

Resumidamente, a partir da análise realizada na etapa 3, pudemos identificar além das marcas destacadas acima, as origens das garrafas, bem como uma datação aproximada. Puderam ser identificados dois países de origem para a água tônica (Irlanda e Suíça) sendo que o período de fabricação vai do final do XVIII até início do século XX. Em relação aos refrigerantes, os dois fabricados no Brasil, com datas de fins do século XIX a início do XX. Em relação as garrafas de vinhos, temos dois países como origem: Portugal e Itália, com datas de fins do século XIX a metade do XX. Em relação à marcas de destilados somente a França, com datas a partir do início do século XIX até o início do século XX.

Relacionando esses resultados ao espaço em que essas estavam inseridas Lixeira dos Ingleses até a Vila Santo Antônio, trazemos a citação de Ney Gomes (2013), que em sua dissertação, retratou arqueologicamente o nascimento de Porto Velho enquanto núcleo urbano, e apontou, a possibilidade de juntamente com os documentos e os estudos históricos, utilizar a materialidade para contar uma História sobre a Vila de Santo Antônio, de forma mais coerente, destacando que as histórias contadas até então passavam por possíveis “inconsistências ou inadequações no registro puramente escrito (GOMES, 2013, p. 58)”.

CONCLUSÃO

Ao finalizarmos esse Trabalho de Conclusão de Curso, levantamos algumas considerações a respeito de sua execução. Consideramos que o objetivo deste foi cumprido conforme projetamos já que registramos a coleção objeto desse estudo em categorias quantitativas e qualitativas, realizamos o registro fotográfico e definimos tipologias e funcionalidades para as garrafas em que foi possível fazer, contextualizando temporal historicamente associando às pessoas que ocuparam e reocuparam esse espaço, definido em torno de sete quilômetros ao longo do Rio Madeira, entre a lixeira dos ingleses e a Vila de Santo Antônio, conforme informa o Processo N.01410.000074/2008-42. do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 16 SR.

Foram analisadas 1031 garrafas de bebidas que após análise da etapa 2, finalizamos em um total de 1028 em quatro categorias que classificamos em: Garrafas de destilados; Garrafas de vinho ou Champagne; Garrafas de Cervejas e Garradas de Refrigerantes ou água. Dessas categorias, puderam ser identificadas marcas de água tônica: ROOS BELFAST, a Belfast WHEELER & Co Ltda e a SCHWEPPEES, como países de origem Irlanda e Suíça, e um período de fabricação que vai do final do XVIII até início do século XX. Marcas de refrigerante: Guaraná Antarctica e a Garrafa de Guaraná Andrade, fabricados no Brasil, com datas de fins do século XIX a início do XX. Marcas de vinhos: Vinho do Porto Romariz & Filho; Vinho Chianti; Vinho do Porto RCVNP; Vinho do Porto da Vinícola J. H. Andresen; Vermute Cinzano & Cia Torino Fco com países de origem Portugal e Itália, com datas de fins do século XIX a metade do XX. Marcas de destilados: Licor Bénédictine e Absinto Pernod Fils, a França como país de origem, com datas a partir do início do século XIX até o início do século XX.

Gostaríamos de salientar o número alto de garrafas de água tônica ROOS BELFAST na coleção 221 (categoria J), produzidas em um período entre 1870 a 1910, período de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (primeiras tentativas de construção por empresas estrangeiras, em 1862 e em 1877, e recomeço sendo a EFMM em 1910 até 1912) que nos parece ser um produto que foi altamente comercializado no início da urbanização de Porto Velho coincidindo a periodização da construção da EFMM com o da produção e comercialização das mesmas. Em relação as datas, temos que salientar o lapso de tempo entre a produção, momento da importação compra/venda, consumo, às vezes reutilização até a transformação deste em objeto arqueológico. Quando inserimos as garrafas em um período histórico estamos nos referindo a tudo que envolve o processo de produção e consumo primário.

O que podemos inferir, a partir da análise dessas materialidades é que há nesses espaços, o consumo de bebidas alcoólicas nacionais e internacionais, bem como o consumo de águas tônicas e refrigerantes nacionais e internacionais, muito provavelmente incentivados pelas práticas de consumo que estava tomando corpo aqui. Porém, quem eram esses consumidores? Suas preferências estavam ligadas a suas nacionalidades? O que os documentos ou a história oficial conta sobre essas pessoas? Podemos perceber as pessoas invisibilizadas a partir dessas materialidades? Esse não foi o objetivo desse trabalho, porém sugere-se buscar essas informações em trabalhos futuros, para que possamos realmente materializar as pessoas e as histórias que a História não conta.

Hodder (2003) propõe uma arqueologia que pensa, discute, interpreta criticamente o presente dentro da possibilidade da comunicação e extroversão dessas análises contribuir para a construção da história passada, presente e até futura.

Em relação às garrafas analisadas, ressaltamos as possibilidades de interpretação dentro da sociedade portovelhense no início da urbanização, dentro da periodização histórica de produção desses produtos de consumo, porém, ressaltamos que atualmente, estando elas presentes dentro de uma Reserva Técnica, podemos dizer que sua forma permaneceu, mas sua função foi ressignificada. Podemos dizer até que ela deixa de ser uma garrafa para se tornar, um símbolo de parte das relações que se estabeleceram entre indivíduo e sociedade, entre sociedade e tratamento do lixo, entre o que é considerado patrimônio arqueológico. Dentro dessa lógica, fica a reflexão: a quem servirá as garrafas de bebidas da coleção Vila de Santo Antônio, consideradas agora como patrimônio arqueológico?

Essa monografia contribuirá para a história arqueológica do Estado de Rondônia e também ajudar a todos os pesquisadores a identificar garrafas de bebida que possam estar sendo escavadas futuramente ou depositadas em Reservas Técnicas. Ressaltamos ainda que seria de extrema importância para o Curso de Bacharelado em Arqueologia, que este acervo pudesse estar acessível de forma online com fotografias de melhores resoluções que as nossas, para que a gente cumpra nosso papel de devolver o conhecimento para a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVERIDGE, P; DOMÉNECH, I; PASCUAL, E. O vidro: **técnicas de trabalho de campo**. Lisboa: Estampa, 2004.

BLACKMAN, C. Do Mar do Caribe à Beira do Madeira: **A comunidade antilhana de Porto Velho/RO**, 2015. 121fls. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, 2015.

BRASIL, Fernanda Mendonça. **Materializando as pessoas pelas garrafas de remédios na Coleção Vila de Santo Antônio (C.V.S.A)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia Porto Velho, RO, 2022.

CASER, A; SÁ, D.M de. O medo do sertão: **a malária e a Comissão Rondon (1907-1915)**. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 471-497, 2011.

CASTRO, V.M.C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil**. Tese de doutorado, UFPE. 2009.

COMERLATO, F. **Caderno da Oficina Arqueologia e Preservação**. São Paulo. 2004.

COSTA, D.M. Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira. **Cienc. Cult.** v.65 n.2. p. 30-32 São Paulo Apr./June, 2013.

COSTA, D.M. Arqueologias Históricas: **um panorama temporal e espacial**. Vestígios Revista latino-americana de arqueologia histórica, v. 4, 2010.

DIAS, M.P. Curadoria e conservação arqueológica no Rio Grande do Sul: **um levantamento dos métodos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: doi:10.11606/D.103.2018.tde-25092018-155136. Acesso em: 2021-04-02.

DIAS, M.P. Novos Métodos Curatoriais Aplicados aos Materiais Arqueológicos: **da Intervenção Ao Acervo**. Revista LEPA - Textos de Arqueologia e Patrimônio, v. I, p. 103-111, 2013.

FONSECA, D.R da. **"Estudos de história da Amazônia"**. Porto Velho, Maia. 2007.

GOMES, R.N.C. **Paisagem, História e Cultura Material: o Sítio Vila de Santo Antônio em Rondônia, Sob a Perspectiva da Arqueologia Histórica**. Qualificação de Mestrado, UFPA. 2013

GUIMARÃES, F.M.S. **Contribuição ao ensino: Território Federal do Guaporé**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Boletim Geográfico. Ano II, fevereiro de 1944, no. 18, p. 852.

HODDER, I. La Arqueología Postprocessual. In HODDER, I & HUDSON, S. **Intepretación em Arqueología**. Barcelona: Crítica, 2003.

LEITE, S. **História das Companhias de Jesus no Brasil**. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/INL, v. V. 1938.

LORENZON, A.R. **Pimenta Bueno, um pouco de sua história**. Porto Velho: Grafriel - Gráfica e Editora, 2002.

MORAIS, R. **Na planície amazônica**. 7 ed. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal. 2000.

NASCIMENTO, E. G & SANTI, J. R. Material arqueológico doado: o que foi feito com a Coleção Vila de Santo Antônio, RO. **Caderno 4 Campos**. PPGA/UFPA, Número I, 2020.

NASCIMENTO, E.G do. **Em Pratos Limpos: Curadoria, Análise e Catalogação das Louças “Coleção Vila de Santo Antônio”**. Porto Velho, Rondônia – Brasil. Arqueologia – Unir – DARQ. 2017.

PACHECO, M.D. **Novos Métodos Curatoriais Aplicados aos Materiais Arqueológicos: Da Intervenção ao Acervo**. Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, v. I, Santa Maria, RS, 2013.

PEREIRA, J. V. **Rondônia: de pedaço em pedaço, uma história!** Porto Velho: RDS Editora. 2006.

PROSPERO, F. **Achados em vidro no sítio arqueológico São Francisco (SSF-01), São Sebastião-SP**: levantamento e identificação dos vestígios entre os anos de 1992 e 1995. Monografia de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de Santo Amaro, 89 p., 2009.

SANDRONI, C. **O Vidro no Brasil**. São Paulo: Metavídeo Produções Ltda, 1989.

SANTOS, P. Mensagens nas garrafas: o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930). **Métis (UCS)**, v. 8, p. 187-214, 2011.

SENA, V.K de. **Reconsiderando a materialidade no sítio arqueológico Macaguá I**. Tese de Doutorado, UFPE, p. 227, 2013.

SILVA, A.C.D. **Enganos da nossa história**. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia. 2007.

SILVA, A.G. **Amazônia**: Porto Velho. Porto Velho: Biblioteca Municipal Francisco Meireles. 1991.

SILVA, A.G. **Da chibata ao inferno**. Porto Velho. Edufro. 2001.

SILVA, R.C. **Nem tudo que reluz é vidro**: mudanças sociais e introdução de artefatos vítreos na Salvador oitocentista. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, 137 p., 2014.

VITAL, A.V. Visões do Alto Madeira: **Comissão Rondon, malária e política em Santo Antônio do Madeira (1910-1915)**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 77-90, jan | jun 2012.

ZANETTINI, P.E; CAMARGO, P.F. **Cacos e mais cacos de vidro**: o que fazer com eles? São Paulo: Zanettini Arqueologia. [versão não publicada], 43 p., 1999.

ANEXOS

LOCALIZAÇÃO DOS MATERIAIS NAS CAIXAS

CAIXA 01/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio.

01-MM 539	16- EE 948
02-MM 540	17-LL 934
03-HH 928	18- LL 932
04-HH 929	19- FF 947
05-HH 925	20-FF 816
06-HH 926	21-OO 827
07-HH 927	22-LL931
08 CC 995	23-MM938
09-JJ 998	24-
10-JJ 818	25-
11-PP 825	26-
12-PP 924	27-
13- PP 992	28-
14-EE 813	29-
15-EE 949	30-

CAIXA 02/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-N 446	16-ZZ 955
02-N 101	17-AAA 965
03-N 447	18-DDD 968
04-M 97	19-N-102
05-M 188	20-VV944
06-MMMM 1.016	21-V213
07-G 671	22-AAA962
08-G 639	23-G56
09-XX 954	24- M96
10-XX 953	25-FF815
11- PPPP 1.014	26-
12-V 974	27-
13- VV 942	28-
14-VV 943	29-
15- VV 941	30-

CAIXA 03/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-X 292	16-OO826
02-X 293	17-Z 215
03- X 534	18-
04-X 535	19-

05-X 487	20-
06-Z 299	21-
07-Z 294	22-
08-Z 295	23-
09-Z 533	24-
10-Z 485	25-
11-X214	26-
12-HH930	27-
13-SS820	28-
14- Q212	29-
15- JJ817	30-

CAIXA 04/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-E 750	16-E 761
02-E 764	17-E 796
03-E 752	18-E 873
04-E 768	19-E 54
05-E 757	20-
06-E 753	21-
07-E 754	22-
08-E 749	23-
09-E 762	24-
10-E 774	25-
11-E 751	26-
12-E 767	27-
13-E 760	28-
14-E 763	29-
15-E 773	30-

CAIXA 05/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-E 881	16-E 885
02-E 880	17-E 828
03-E 876	18-E 572
04-E 875	19-E
05-E 766	20-E
06-E 878	21-E
07-E 882	22-E
08-E 795	23-E
09-E 794	24-E
10-E 798	25-E
11-E 972	26-E
12-E 874	27-E
13-E 871	28-E
14-E 884	29-E
15-E 879	30-E

CAIXA 06/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-E 756	16-E 575
02-E 886	17-E 573
03-E 883	18-E 668
04-E 775	19-E

05-E 765	20-E
06-E 770	21-E
07-E 935	22-E
08-E 759	23-E
09-E 755	24-E
10-E 877	25-E
11-E 937	26-E
12-E 936	27-E
13-E 574	28-E
14-E 669	29-E
15-E 914	30-E

CAIXA 07/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-E 799	16-EE753
02-E 758	17-E
03-E 776	18-E
04-E 800	19-E
05-E 790	20-E
06-E 778	21-E
07-E 801	22-E
08-E 769	23-E
09-E 771	24-E
10-E 792	25-E
11-E 797	26-E
12-E 777	27-E
13-E 793	28-E
14-E 991	29-E
15-E 772	30-E

CAIXA 08/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-G 673	16-
02-G 672	17-
03-G 670	18-
04-G 638	19-
05-G 637	20-
06-G 918	21-
07-G 917	22-
08-CC 809	23-
09-CC 923	24-
10-CC 916	25-
11-CC 921	26-
12-CC 807	27-
13-CC 806	28-
14-	29-
15-	30-

CAIXA 09/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-F 568	16-I 907
02- F 570	17-I 911
03-F 735	18-I 901
04-F 567	19-I 913

05-F 566	20-I 908
06-F 569	21-I 902
07-F 920	22-I 58
08-F 674	23-F 55
09-F 1010	24-
10- I 903	25-
11-I 904	26-
12-I 905	27-
13-I 912	28-
14-I 906	29-
15-I 910	30-

CAIXA 10/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-M 98	16-M 253
02-M 337	17-M 256
03-M 257	18-M 338
04-M 187	19-M 496
05-M 390	20-M 255
06-M 136	21-M 387
07-M 386	22-
08-M 339	23-
09-M 389	24-
10-M 391	25-
11-M 388	26-
12-M 95	27-
13-M 495	28-
14-M 392	29-
15-M 393	30-

CAIXA 11/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-J 366	16-J 373	31-J 374
02-J 369	17-J 377	32-J 381
03-J 361	18-J 375	33-J 425
04-J 365	19-J 357	34-J 362
05-J 367	20-J 441	35-J 436
06- J 419	21-J 356	36-J 380
07-J 371	22-J 372	37-J 364
08-J 336	23-J 345	38-J 359
09-J 378	24-J 368	39-J 210
10-J 424	25-J 360	40-J 209
11-J 427	26-J 376	41-J 203
12-J 340	27-J 435	
13-J 370	28-J 383	
14-J 385	29-J 344	
15-J 373	30-J 382	

CAIXA 12/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-J 124	16-J 206	31-J 201
02-J 190	17-J 204	32-J 120
03-J 122	18-J 197	33-J 189
04-J 423	19-J 194	34-J 111

05-J 117	20-J 196	35-J 326
06-J 205	21-J 193	36-J 306
07-J 199	22-J 198	37-J 346
08-J 200	23-J 191	38-J 348
09-J 808	24-J 121	39-J 350
10-J 442	25-J 192	40-J 430
11-J 127	26-J 108	41-J 347
12-J 123	27-J 807	42-J
13-J 119	28-J 116	34-J
14-J 202	29-J 113	35-J
15-J 422	30-J 112	36-J

CAIXA 013/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01- J-313	16-J 321	31-J 245
02- J-231	17-J 234	32-J 330
03-J 220	18- J 223	33-J 216
04-J 228	19- J 316	34-J 225
05-J 244	20- J 241	35-J 303
06-J 309	21- J 218	36-J 248
07- J 346	22- J 233	37-J 128
08-J 320	23- J 314	38-J 221
09-J 242	24-J 217	39-J 334
10-J 240	25- 227	40-J 322
11- J 229	26-J 219	41-J 224
12-J 232	27- J 999	
13-J 243	28- J 235	
14-J 307	29- J226	
15-J 222	30- J230	

CAIXA 014/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-J 319	16-J 343	31-J 315
02-J 328	17-J 354	32-J 324
03-J 302	18-J 310	33-J 444
04-J 351	19-J 329	34-J 305
05-J 358	20-J 426	35-J 86
06-J 341	21-J 318	
07-J 342	22-J 323	
08-J 301	23-J 300	
09-J 344	24-J 325	
10-J 432	25-J 355	
11-J 352	26-J 304	
12-J 311	27-J 434	
13-J 327	28-J 332	
14-J 308	29-J 317	
15-J 312	30-J 331	

CAIXA 015/C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-J 84	16-J 115	31-J 71
02-J 69	17-J 68	32-J 63
03-J 73	18-J 236	33-J 61
04-J 239	19-J 62	34-J 81

05-J 238	20-J 82	35-J 59
06-J 237	21-J 74	36-J 79
07-J 127	22-J 67	37-J 83
08-J 353	23-J 80	38-J 748
09-J 76	24- J 66	
10-J 105	25-J 109	
11-J 72	26-J 77	
12-J 103	27-J114	
13-J 107	28-75	
14-J 110	29-70	
15-J 333	30-85	

CAIXA 016/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-J 445	16-
02-J 60	17-
03-J 439	18-
04- J 420	19-
05-J 106	20-
06-J 431	21-
07-J 417	22-
08-J 421	23-
09-J 438	24-
10-J 433	25-
11-J 429	26-
12-J 440	27-
13-J 418	28-
14-J 428	29-
15-J 437	30-

CAIXA 017/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-AA 785	16-AA 919
02-AA 114	17-AA 782
03-AA 780	18-AA 899
04-AA 897	19-
05-AA 895	20-
06-AA 996	21-
07-AA 788	22-
08-AA 1012	23-
09-AA 900	24-
10-AA 888	25-
11- AA 891	26-
12-AA 896	27-
13-AA 893	28-
14-AA 1009	29-
15- AA 903	30-

CAIXA 018/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-AA 890	16-
02-AA 781	17-
03- AA 779	18-

04-AA 784	19-
05-AA 787	20-
06-AA 997	21-
07-AA 892	22-
08-AA 915	23-
09-AA 889	24-
10-AA 783	25-
11- AA 899	26-
12- AA 898	27-
13-AA786	28-
14-	29-
15-	30-

CAIXA 019/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-L 415	16-L 413
02-L 410	17-L 414
03-L407	18-L 403
04-L 490	19-L 401
05-L 493	20-L 404
06-L 494	21-L 402
07-L 100	22-L 409
08-L 180	23-L 405
09-L 90	24-L 412
10- L 394	25-L 491
11-L 487	26-L 416
12-L 492	27-L87
13-L 406	28-L
14-L 408	29-L
15-L 411	30-L

CAIXA 20/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-L 397	16-L250	31-L185
02-L 598	17-L172	32-L173
03-L 252	18-L396	33-L179
04-L 94	19-L177	34-L182
05-L 336	20-L91	35-L175
06-L335	21-L400	36-L126
07-L489	22-L88	37-L99
08-L251	23-L181	38-L399
09-L171	24-L 170	39-L
10-L183	25-L178	
11-L92	26-L174	
12-L 249	27-L93	
13-L186	28-L89	
14-L395	29-L184	
15-L 488	30-L176	

CAIXA 21/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-Y657	16-Y863
02-Y 590	17-Y869

03-Y587	18-Y867
04-Y655	19-Y829
05-Y745	20-Y852
06-Y656	21-Y855
07-Y741	22-Y857
08-Y678	23-Y859
09-Y831	24-Y868
10-Y853	25-Y861
11- Y830	26-Y860
12-Y864	27-Y591
13-Y592	28-Y
14-Y854	29-Y
15-Y866	30-Y

CAIXA 22/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-Y 658	16-Y736
02-Y660	17-Y663
03-Y742	18-Y588
04-Y734	19-Y856
05-Y589	20-Y738
06-Y666	21-Y740
07-Y737	22-Y659
08-Y858	23-Y862
09-Y743	24-Y746
10-Y593	25-Y594
11-Y676	26-Y865
12-Y661	27-Y
13-Y744	28-Y
14-Y747	29-Y
15-Y677	30-Y

CAIXA 23/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-A 06	16-
02-A 04	17-
03-A05	18-
04-A 12	19-
05-A 03	20-
06-A10	21-
07-A11	22-
08-A 08	23-
09-A07	24-
10-A02	25-
11-A09	26-
12-A01	27-
13-	28-
14-	29-
15-	30-

CAIXA 24 / C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-C734	16-C727
02-C729	17-C832
03-C833	18-C851
04-C731	19-C725
05-C 850	20-C51
06-C838	21-
07-C834	22-
08-C732	23-
09-C848	24-
10-C730	25-
11- C835	26-
12-C837	27-
13-C733	28-
14-C749	29-
15-C836	30-

CAIXA 25/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-C700	16-C690	31-C704
02-C647	17-C645	
03-C644	18-C689	
04-C679	19-C682	
05-C703	20-C681	
06-C691	21-C694	
07-C702	22-C683	
08-C641	23-C692	
09-C696	24-C685	
10-C699	25-C684	
11-C648	26-C697	
12-C693	27-C646	
13-C695	28-C643	
14-C701	29-C687	
15-C680	30-C698	

CAIXA 26/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-C 543	16-C548	31-C540
02-C561	17-C562	32-C652
03-C556	18-C554	33-C541
04-C553	19-C550	34-C559
05-C545	20-C546	35-C650
06-C653	21-C558	36-C50
07-C565	22-C651	37-C49
08-C555	23-C560	38-C563
09-C538	24-C642	39-C549
10-C536	25-C551	40-C564
11-C542	26-C48	41-C
12-C 544	27-C537	42-C
13-C539	28-C649	43-C
14-C552	29-C654	44-C
15-C547	30-C557	45-C

CAIXA 27/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-B34	16-B845	31-B844
02-B35	17-B843	32-B711
03-B582	18-B41	33-B715
04-B22	19-B44	34-B720
05-B443	20-B722	35-B13
06-B840	21-B842	36-B
07-B846	22-B716	37-B
08-B580	23-B721	38-B
09-B841	24-B725	39-B
10-B714	25-B712	40-B
11-B724	26-B713	41-B
12-B834	27-B717	42-B
13-B36	28-B723	
14-B870	29-B16	
15-B718	30-B726	

CAIXA 28/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-B379	16-B25	31-B19
02-B39	17-B32	32-B706
03-B29	18-B40	33-B708
04-B37	19-B33	34-B710
05-B47	20-B577	35-B786
06-B14	21-B581	36-B46
07-B18	22-B576	37-B43
08-B31	23-B585	38-B681
09-B26	24-B666	39- B584
10-B 30	25-B579	40-B709
11-B15	26-B46	41-B664
12-B27	27-B707	42-B23
13-B38	28-B42	43-B20
14-B24	29-B665	44-B17
15-B21	30-B705	45-B667

CAIXA 29/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-T277	16-T267	31T-282
02-T285	17-T269	32T-298
03-T263	18-T288	33T-281
04-T287	19-T262	34T-286
05-T260	20-T268	35T-276
06-T272	21-T280	36T-283
07-T266	22-T279	
08-T259	23-T265	
09-T271	24- T289	
10-T291	25-T273	
11-T275	26-T290	
12-T261	27-T278	
13-T246	28-T270	
14-T284	29-T297	
15-T274	30-T264	

CAIXA 30/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-T 147	16-T143	31-T142
02-T145	17-T154	32-T137
03- T159	18-T162	33-157
04- T139	19-T169	34-138
05- T163	20-T149	35-T148
06-T168	21-T134	36-T160
07-T151	22-T258	
08-T156	23-T133	
09-T161	24-T155	
10- T165	25-T136	
11- T141	26-T140	
12-T167	27-T150	
13-T144	28-T135	
14-T164	29-T158	
15-T166	30-T146	

CAIXA 31/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-T470	16-453	31-T480
02-T467	17-459	32-T464
03-T461	18-456	33-T454
04- T460	19-478	34-T448
05-T452	20-595	35-T597
06-T458	21-450	36-T466
07-T477	22-596	37-T
08-T481	23-451	38-T
09-T482	24-455	39-T
10-T599	25-462	40-T
11-T479	26-469	
12-T484	27-474	
13-T475	28-457	
14-T463	29-483	
15-T152	30-598	

CAIXA 32/C.V.S. A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-T465	16-T519	31-T505
02-T468	17-T509	32-T527
03-T 449	18-T530	33-T506
04-T473	19-T518	34-T502
05-T476	20-T516	35-T499
06-T472	21-T511	36-T501
07-T512	22-T507	37-T498
08-T503	23-T529	38-T504
09-T520	24-T514	39-T465
10-T522	25-T525	40-T468
11-T 516	26-T531	41-T449
12-T511	27-T523	42-T473
13-T508	28-T510	43-T476
14-T 528	29-T521	44-T472

15-T513

30-T532

45-T

CAIXA 33/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-T517	16-DD812
02-T500	17-TTT987
03-T497	18-T153
04-T515	19-CC808
05-DD471	20-T515
06-DD958	21-T497
07-DD810	22-T500
08-DD811	23-T517
09-BB804	24-
10- BB802	25-
11- BB803	26-
12-CC922	27-
13- NN822	28-
14-BB805	29-
15-P129	30-

CAIXA 34/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-CCC967	16-
02-RR946	17-
03-KK950	18-
04-KK952	19-
05-D52	20-
06-H57	21-
07- R847	22-
08-Z486	23-
09-R640	24-
10-H571	25-
11-JJJ975	26-
12-RR945	27-
13-KK951	28-
14-R131	29-
15-D53	30-

CAIXA 35/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-W632	16-W621	31-W610
02-W628	17-W625	32-W607
03-W636	18-W635	33-W600
04-W619	19-W629	34-608
05-W630	20-W631	35-W604
06-W627	21-W612	36-W624
07-W634	22-W614	37-W 609
08-W617	23-W615	38-
09-W622	24-W611	39-
10-W618	25-W601	40-
11-W626	26-W602	41-

12-W616	27-W613	42-
13-W623	28-W606	43-
14-W633	29-W605	44-
15-W620	30-W603	45-

CAIXA36/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01- U211	16-PP824
02- K130	17-RRR985
03-O247	18- YY959
04-TT821	
05-II819	
06-XXX990	
07-S132	
08-EEEE1006	
09-YYY1001	
10-WW957	
11- NN823	
12-EE814	
13-QQ958	
14-SSS986	
15-UUU988	

CAIXA 37/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-AAAA1002	16-OOO984	-
02-ZZ956	17-DDD970	
03-BBBB1003	18-GG960	
04-JJJJ1008	19-CCC966	
05-FFFF1007	20-WWW1000	
06-DDDD1005	21-VVV989	
07-UU961	22-	
08-NNNN1013	23-	
09-LLLL1011	24-	
10-QQQ991	25-	
11-ZZZ993	26-	
12-BBB964	27-	
13-CCCC384	28-	
14-XXX933	29-	
15-PPPP1015	30-	

CAIXA 38/ C.V.S.A

Tipologias das garrafas da Vila de Santo Antônio

01-III981	16- FFFFF1022	31-IIIII1031
02-KKKK969	17-FFFFF1033	32-LLLLL1034
03-KKKK719	18- FFFFF1024	33-NNNN1035
04-CCCC977	19-FFFFF1027	34-
05-CCCC978	20-FFFFF1025	35-
06-MMM971	21-FFFFF1026	36-
07-ZZZZ972	22-BBBBB1019	37-
08-XXX976	23-JJJJJ1029	38-

09-RRRR983
10-KKK684
11- HHH979
12-VVVV973
13-DDDDD1021
14-HHHHH1030
15-FFFFFF1023

24-JJJJJ1028
25-IIII982
26-MMMMM1032
27-HHHH980
28-QQQQ984
29-AAAAA1018
30-CCCCC1020

39-
40-C
41-C
42-C
43-C
44-
45-C



Universidade Federal de Rondônia

Sistema de Bibliotecas
RIUNIR - Repositório Institucional

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Autor (a) *: <u>Erico Ney dos Santos</u>		
Título do Documento: _____		
CPF: <u>75270080249</u>	E-mail: <u>EricoBlek@hotmail.com</u>	Fone: <u>67 993596061</u>
Vínculo com a UNIR: _____		Unidade: _____
Tipo do documento: () Tese; () Dissertação; () Artigo de Periódico; <input checked="" type="checkbox"/> TCC; () Livro; () Capítulo de Livro; () Outros. Especifique: _____		
Se Tese ou Dissertação informar Programa de Pós-Graduação: _____		
Disponibilização do trabalho completo:	Imediato <input checked="" type="checkbox"/>	Daqui a um ano** ()
Ocasionará registro de patente?	Sim ()	Não ()
Divulgação do e-mail do autor para usuário:	Sim ()	Não ()
<i>*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.</i>		
<i>**Em caso de restrição de um ano, esta poderá ser mantida mediante justificativa do Coordenador do Programa ou Departamento.</i>		

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Rondônia/UNIR os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdos do documento entregue.
- Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a UNIR, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, em consonância com a lei nº9610/98 autorizo o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Rondônia a disponibilizar a obra no Repositório Institucional gratuitamente, de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 4.0 Internacional por mim declarada sob as seguintes condições. Caso haja interesse de alguma editora.

Permite uso comercial de sua obra?

Sim () não

Permitir alterações em sua obra?

() sim

() sim contando que outros compartilhem pela mesma licença

() não

A obra continua protegida por Direitos Autorais e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Peto Velho 31/05/23
Local data

Erico Ney dos Santos
Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais